

ILUSTRAÇÃO

N.º 246 - 11.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

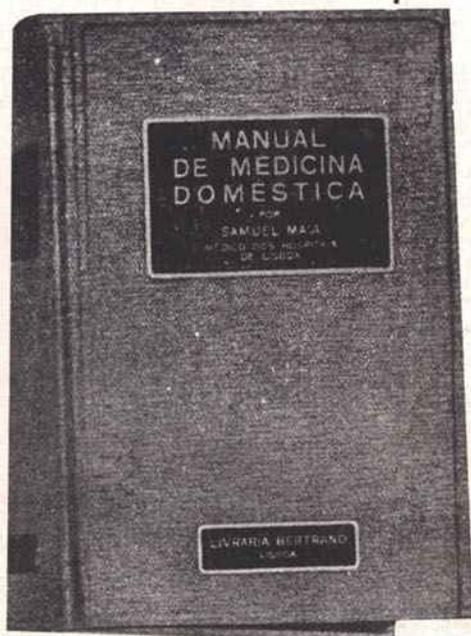
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



Excursões a preços reduzidos ao Triângulo de Turismo e ao Estoril com refeições nos hotéis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão à venda, diariamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com direito a almoço no Estoril e jantar em Sintra, ou vice-versa

Por passageiro { 1.ª Classe..... 48\$00
2.ª Classe..... 42\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço e jantar no Estoril

Por passageiro { 1.ª Classe..... 45\$00
2.ª Classe..... 39\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço ou jantar no Estoril

Por passageiro { 1.ª Classe..... 30\$00
2.ª Classe..... 25\$00

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

| | MESES | | |
|--|--------|--------|---------|
| | 3 | 6 | 12 |
| Portugal continental e insular (Registada)..... | 30\$00 | 60\$00 | 120\$00 |
| Ultramar Português (Registada)..... | 32\$40 | 64\$80 | 129\$60 |
| Espanha e suas colónias (Registada)..... | — | 61\$50 | 129\$00 |
| Brasil..... | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Outros países (Registada)..... | — | 64\$50 | 129\$00 |
| Outros países (Registada)..... | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Outros países (Registada)..... | — | 67\$00 | 134\$00 |
| Outros países (Registada)..... | — | 91\$00 | 182\$00 |
| Outros países (Registada)..... | — | 75\$00 | 150\$00 |
| Outros países (Registada)..... | — | 99\$00 | 198\$00 |

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PRODUTOS



DEBELEZA

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M. me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik, etc.** são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA
ACADEMIA CIENTIFICA DE BELLEZA
Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 21866

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podes acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074



Porquê?

Dôres de ouvidos . . . Neuralgias . . . São dores insuportáveis. Mas V. Exa. tem um remedio facil, completamente inofensivo para o seu organismo, para se vêr livre d'elas: É a Cafiaspirina. Mande já comprar um tubo e em poucos minutos verá como as dôres desaparecem.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 520 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda o 3.º milhar da

ALEMANHA ENSANGÜENTADA

POR AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 312 páginas, com capa ilustrada do pintor *Roberto*, brochado 12\$00

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português, se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. — A vida alemã. — Berlin. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por AQUILINO RIBEIRO

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição actualizada
DE

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DA Biblioteca de Instrução Profissional
pelo engenheiro João Emílio dos Santos Segurado

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina 30\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. 25\$00



DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ QUASI ESGOTADO

Almanaque Bertrand

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 407 gravuras, cartonado 10\$00
Encadernado luxuosamente 18\$00

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Encontra-se à venda a 5.ª edição desta obra admiravel

PÁTRIA PORTUGUESA

Obra louvada em portaria do Govêrno de 20 de Dezembro de 1913 e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914

Capa a côres de **ALBERTO DE SOUSA**

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12\$50** — Pelo correio à cobrança **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER

O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

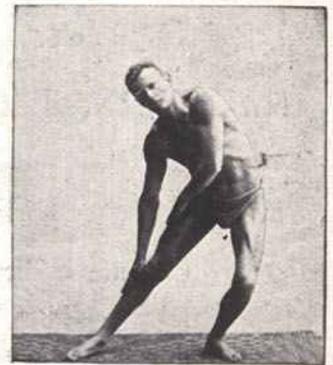
verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**
pelo correio à cobrança **9\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**; pelo correio à cobrança **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

“Uma *Maquillage* Exagerada é Péssima Para a Pele”

— diz um Especialista

O Que É Preciso Fazer

Por mais surpreendente que isto possa parecer, a Ciência provou que uma «maquillage» praticada constantemente, durante alguns anos, marca no rosto os estigmas da idade. É procedimento pernicioso à beleza natural de um rosto de rapariga. Mas quando se restitui à pele muito simplesmente, um elemento vital e rejuvenescedor, chamado «Biocel», ela readquire rapidamente a sua cor clara, a frescura e a beleza.

Este precioso «Biocel» obtido de animais muito novos, segundo o processo especial do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, está agora contido no Creme Tokalon, Cór de Rosa.



Aplicado à noite, antes do deitar, alimenta e rejuvenesce os tecidos, enrija os músculos flácidos do rosto durante o sono. De manhã, V. Ex.^a aplica o Creme Tokalon, Cór branca (não gorduroso) É branqueador, tónico e adstringente. Desta forma, a pele «maquillée» mais feia e um rosto estragado, adornam-se com uma nova e surpreendente beleza. Garantem-se optimos resultados, porque, em caso contrário, reembolsamos o dinheiro.

A venda em todas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, pode escrever para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende o mais depressa possível.

Acaba de ser posto à venda

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR CARLOS MALHEIRO DIAS

INDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho — Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire — Tristão de Ataíde — Plínio Salgado

1 volume brochado . . . 8\$00



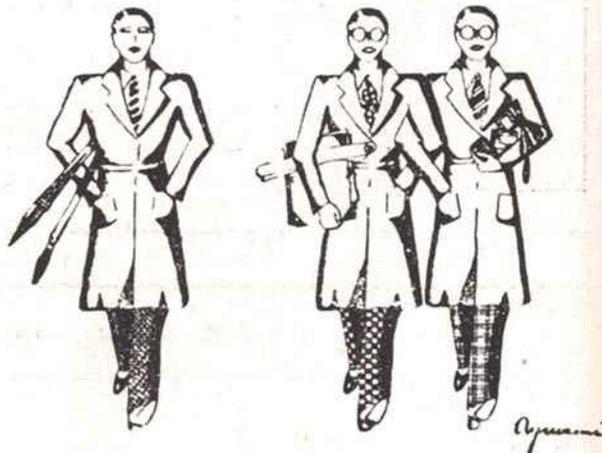
Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE

2 1308

BERTRAND

IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Um assassinio cometido em condições particularmente misteriosas tem suscitado nos últimos tempos o interesse da opinião pública.

Todas as diligencias da policia para descobrir o autor ou autores do repugnante crime têm resultado inúteis. E o perigo de que elle fique impune começa a tomar vulto, a despeito do afincado pósto pelos agentes policiaes em desvendarem o mistério.

Alguns jornais de Lisboa propuseram-se colaborar nas investigações com a mais ingénua boa vontade e inexperiência. Não cremos que seja essa a missão da Imprensa nem a quasi totalidade dos profissionais nisso empenhados está á altura de exercer essas funções. Poderíamos citar a propósito que mesmo em França alguns grandes jornais ficaram em posições pouco airozas por terem recorrido aos serviços dos teóricos do «detectivismo» por ocasião da morte do juiz Prince.

A reportagem do crime deve orientar-se num sentido moral, perdendo embora o caracter de sensação, que estimula certas paixões mórbidas. Para isso e para não estorvar o trabalho da policia, deve sujeitar-se voluntariamente a certas restrições, que no final só a dignificam.

A Belo Redondo — um dos nossos melhores reporteres do crime, que distrai uma brilhante actividade com os seus violinos da Ingres, no jornalismo e no teatro — varias vezes temos ouvido defender esta mesma doutrina.

O mesmo caso tristemente célebre sugere-nos reflexões sobre outro problema da máxima importância: a organização científica da policia na luta contra o crime.

A criminalidade é entre nós, felizmente, diminuta. Alem disso raro excede os limites do crime passionnal, consequência trágica do temperamento da raça e da sua cultura.

O crime «intelectual» é raro. Os assassinos procedem quasi sempre sob o impulso duma alucinação de que não tardam a cair em si, arrependidos e esmagados pelo destino. Os casos de criminosos conscientes que lutam de intelligência com a policia contam-se pelos dedos duma mão. Mas o mais grave é que esses quasi sempre ficam impunes.

A policia serve-se ainda de armas rudimentares. Os recursos da ciência não se encontram postos ao seu serviço de modo a permitir-lhe nos casos complexos uma acção eficaz. A colaboração dos laboratórios nas investigações não tem ainda o caracter da íntima ligação que deve ter. Os próprios serviços do Posto Antropométrico não são chamados a intervir em muitos casos em que o seu concurso poderia ser decisivo.

É este um problema que precisa de ser olhado com atenção e resolvido com urgência. A sociedade não pode prescindir hoje da ciência para expurgar do seu seio os elementos nocivos.

CRÓNICA DA QUINZENA

Considerado no conjunto, o português tem faculdades intellectuais notáveis que os outros povos não hesitam em reconhecer. Pode dizer-se que dispõe dum poder de assimilação invulgar, dum entendimento rápido e de aptidões duma grande maleabilidade.

Estas qualidades são porém compensadas por um defeito que delas resulta e que em parte as anula é destrói. O português é, por natureza, um dilettanti. Em todos os ramos da actividade raro excede a categoria do amator, do curioso. As suas faculdades de assimilação levam-no a divagar nos limites da cultura, colhendo desenfasiadamente os seus conhecimentos aqui e além, sem ordem nem método. Despreza a especialização que se lhe afigura acanhada e prefere uma cultura geral, toda á superficie.

Daí o serem raros os verdadeiros profissionais, aqueles que nos limites da sua actividade orientam o espirito num único sentido, procurando constantemente aperfeiçoar-se.

Parece-nos existir entre os novos uma salutar reacção a esta tendência, reacção que, de resto, as condições da vida moderna impõe cada vez mais imperiosamente. Bem desejamos que assim seja porque nada há mais parecido com saber tudo do que tudo ignorar.

Existe na Jugo-Eslávia uma aldeia onde todos os habitantes do sexo masculino são cegos. Chama-se Vetrenik e foi corajosamente fundada por um grupo de victimas da guerra que vivem da agricultura e da criação de gado. Por intermédio da Imprensa pediram há dois anos esposas e o número de pretendentes foi três vezes superior ao necessário. Declararam-se felizes, entregues ás suas modestas occupações.

Admirável ambiente para uma reunião do Conselho da S. D. N. ou de quaisquer outros organismos destinados a regular os litígios entre os Estados! Verificar-se-ia então que para começarem a ver claro na tenebrosa teia dos interesses que urdem a guerra, os homens precisam primeiro de cegar nos campos de batalha.

A Alemanha, violando as clausulas do Pacto de Locarno, regressou aos seus métodos diplo-

máticos de 1914. A singular tese de que os tratados são farrapos de papel é desta vez mais bem justificada com o argumento de que as obrigações agora repudiadas foram impostas pela força após a vitória dos Aliados. No fundo, porém, o processo é o mesmo e idênticas as suas consequências nas relações entre os povos.

Sabido como é que a atitude de Guilherme II em 1914 teve fundas repercussões na moral humana — como a reabilitação do ludíbrio e a consagração da lei do mais forte — ocorre perguntar se a atitude actual não virá contribuir para agravar a crise da honestidade do nosso tempo.

O receio da guerra por parte das nações civilizadas faz derivar os Estados mais audaciosos para a política do «facto consumado».

O expediente é simples e até hoje tem dado os mais animadores resultados. Uma potência tem qualquer reivindicação em aberto, uma ambição a satisfazer? Resolve o caso por suas mãos com total indiferença pelos interesses alheios.

Vêm depois os protestos diplomáticos, as negociações, mas a situação não se altera e o objectivo em vista fica atingido. O único modo de repor as cousas no seu lugar seria a guerra e é isso que se pretende evitar a todo o custo, mais pelo receio das suas consequências sociais do que por generosos idealismos pacifistas.

A política do «facto consumado» torna-se assim na verdadeira politica do êxito. E não é de estranhar que a Alemanha e o Japão a preferam a qualquer outra.

Esta similitude de processos estabelece mesmo um paralelo tão sensível entre as duas potências que já correu com insistência o boato de que uma aliança militar secreta ligava os dois países em vista de futuros cometimentos de maior vulto.

Eduardo VIII numa mensagem dirigida á Câmara dos Comuns e relativa á sua lista civil pede que seja considerada a hipótese do seu casamento.

O caso provocou natural sensação e não tardou em aventar-se nomes de possíveis candidatas ao trono britânico.

Em boa verdade, o rei nada mais fez do que admitir a hipótese o que bem se compreende se dissermos que a votação da lista civil só se faz uma vez em cada reinado e deve prever as varias contingências do acréscimo da despesa.

A única conclusão a tirar, por enquanto, deve ser a de que Eduardo VIII se prepara com tranquillidade para cumprir o seu dever de assegurar a descendência directa da corôa.



Bulhão Pato

*Que é dessa alma que me desle,
Dum sorriso, um só que fôsse,
Da tua boca tão doce,
Fiôr ceite!*

*Tua cabeça, que é dela,
A tua cabeça de ouro...
Minha pomba! meu tesouro!
Minha estrela!*

O nosso querido poeta que a Primavera nos trouxe foi nos arrebatado pelo Inverno. Faleceu em Janeiro de 1896, tendo pouco antes feito esta promessa à juventude acadêmica que promovera a sua consagração:

*Que vindes cá fazer, ó mocidade?
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!
Também levo de vós muita saudade,
E, em lá chegando à outra vida, escrevo.*

Escreverá? Meses antes de falecer, ofereceu a Bulhão Pato uns versos de pêsames pela morte duma irmã, que terminavam assim:

*Mas é possível que acabe
O mal como o bem? Não é.
Não é a razão que o sabe,
Só quem o sabe é a fé.
Mas... a pó não se reduz
A luz, a alma do homem;
Nem os versos a consomem...
Que os versos não contem luz!*

Bulhão Pato, a quem estes versos foram dirigidos, foi também trazido pela Pri-

Guilherme Braga



Primavera, sendo a estação do ano mais cantada pelos poetas, não quer que se extingam os seus cantores, trazendo-nos, sempre que pode, os mais cintilantes espíritos.

Foi a Primavera que nos trouxe o divino João de Deus (nascido em S. Bartolomeu de Messines no mês de Março de 1830), poeta inimitável que, na definição de Camilo, foi "o herdeiro do melhor ouro de Camões e Bernardino Ribeiro".

Os jornais alemães *Morgen Zeitung* e *Volkswacht* chamaram ao autor da "Cartilha Maternal", o "Pestalozzi português". Prestando assim uma homenagem ao nosso eminente pedagogo, maior a teriam prestado a Pestalozzi se lhe pudessem chamar com justiça idêntica, o "João de Deus suíço".

A obra do altíssimo poeta que a Primavera nos trouxe não tardou em transformar-se num "Campo de Flores" tão vasto, tão matizado e tão belo que só o Messias do Lirismo Nacional o poderia ter semeado.

Paremos neste canteiro:

*Que é desses cabelos de ouro
Do mais subido quilate,
Desses lábios de escarlate,
Meu tesouro!*

*Que é desse hálito que ainda
O coração me perfuma!
Que é do teu colo de espuma,
Pomba linda!*

VERSOS FLORES

OS POETAS A PRIMAVERA

Harmonias que vieram ao Mundo com as rosas

mavera, pois nasceu em Março, na cidade de Bilbau, tendo a honra de ser o último poeta romântico de Portugal.

Ditosos tempos em que eram recitados ao piano aqueles seus versos:

*Era no outono, quando a imagem tua,
A' luz da lua, sedutora vi...*

Em pleno Agosto agonizava como um santo, sempre cheio de romantismo, e patenteando aquela sublime resignação que se reflete nestes seus versos:

*Fica num alto e é bonito
O cemitério daqui,
Da casita onde eu habito
Em dois passos... chego ali.*

*Olho o mar; não fica longe,
E' gratíssimo escutar,
Nesta solidão de monge,
Os movimentos do mar!*

*E os meus sentidos absortos
Nas memórias do passado
Ouvem falar os meus mortos!...*

Gonçalves Crespo foi outro grande poeta que a Primavera nos trouxe, pois veio ao Mundo num lindo dia de Março, na cidade do Rio de Janeiro.

Quem não conhece aqueles versos que fizeram uma época?

*Quando canta a Maldonado
E os quadris saracotria,
Não é mulher, é sereia,
Não é mulher, é o pecado.*

*Ao vê-la, pois, enleado,
Perco o siso, o verbo, a ideia,
E um desejo audaz se enteia
Neste meu peito bronzeado.*

*Chamei-te sereia! engano!
Nunca tolice maior
Borbotou do lábio humano.*

*Que lida a sereia, fiôr,
Finda em preixe... e, ou eu me engano,
Ou tu acabas... melhor.*

Guilherme Braga foi outro altíssimo poeta que a Primavera nos trouxe. Nasceu no Porto, no dia 22 de Março de 1845. A sua curta vida por este mundo foi sempre atormentada por espinhos... talvez por ter nascido entre flores. Tinha horror ao Inverno que

tortura os desprotegidos da fortuna. Aquela elegia "Em Dezembro" teste-



Gonçalves Crespo

munha bem quanto se confrangia o coração do poeta com os males alheios:

*Meu Deus! O Inverno ofugenta:
tu bom sol nos manda em breve,
roubando aos ceus a tormenta,
roubando aos campos a neve.*

*Do pobre, à nua existência
bastam-lhe os dias serenos!
Se lhe não chega a opulência,
o calor chega-lhe ao menos...*

*E é boa e santa a alegria
de quem no espaço descobre,
sobre o azul dum claro dia,
o sol — o fogio do pobre!*

Amou enternecidamente as crianças,

*Estas porções pequeninas
do eru, caldas nos lares,
que têm azul nos sorrisos
que trazem sol nos olhares;*

*Estes enviados celestes,
que entram assim pelas casas,
astros, escondendo o fogo,
anjos escondendo as asas...*

*São bênçãos tomando a forma
que a gente vê nas crianças,
bênçãos de Deus, lódas trêmulas
do vago alvor das esp'ranças...*



Alexandre Herculano

Desditoso visionário! Viu o seu lar povoado por essas "porções pequeninas de céu" — cinco filhinas encantadoras — e viu-as morrer, uma após outra, ceifadas pela tuberculose.

Na sua dor infinita, o pai rugiu:

*Hei de erar? Mas na sombra da consciência
não me fazem cá dentro ignotos brilhos!
Hei de crer? Mas a mão da Providência
tem garras para mim... rouba-me os filhos!*

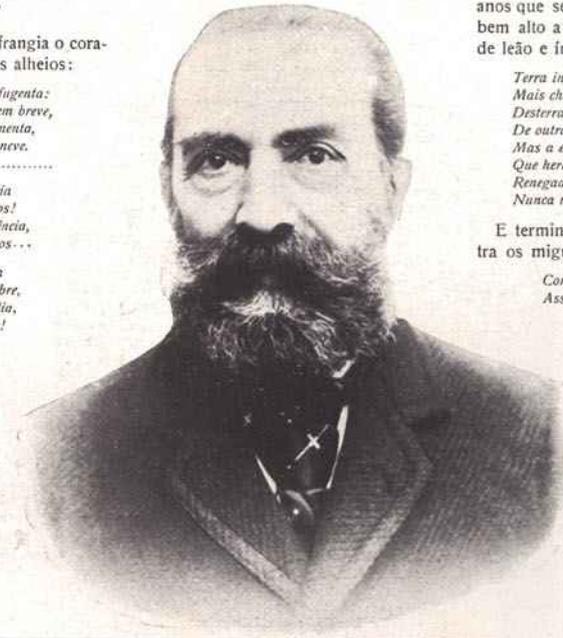
Tempos depois, na extrema agonia, o poeta pediu que lhe chegassem o leite para o pé da janela. Queria ver o céu. Estava uma linda noite de Julho... Soltou então este lamento:

*Meu Deus! sofre-se assim...
e o céu cheio de estrelas!*

E, num derradeiro soluço, rendeu o seu espírito suavíssimo... Tinha completado vinte e nove anos pela Primavera! Se, um dia, podéssemos pensar a sério na consistência da vida, e no que ela vale, sentiríamos pena de ter vindo ao Mundo...

Outro poeta que a Primavera nos trouxe... Este não é fácil adivinhar

João de Deus



quem é. Nasceu em Lisboa em 28 de Março de 1810. No dia do seu aniversário natalício, a bordo da "Junco", na baía de Biscia, ensaiava lamentosos versos, mergulhado no desalento que lhe traziam as lutas liberais.

É ainda este rapaz de vinte e dois anos que se arvora em Scipião, ao gritar bem alto a sua revolta que tem assomos de leão e ímpetos de hiena:

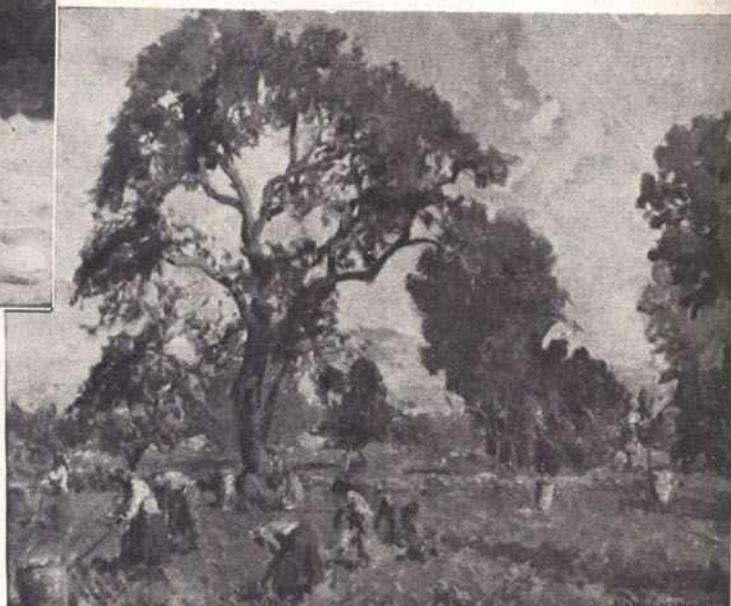
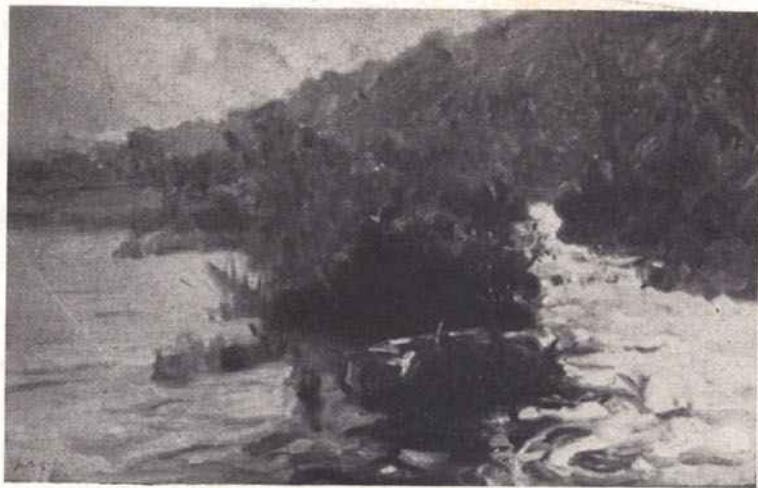
*Terra infame! — de servos aprisco,
Mais chamar-me teu filho não sei:
Desterrado, mendigo serêi;
De outra terra meus ossos serêi!
Mas a escravo, que pugna por ferros,
Que herdará só maldita memória,
Renegado da terra sem glória
Nunca mais darei nome de irmão!*

E termina o seu grito de guerra contra os miguelistas:

*Combatamos! O ferro se cruze,
Assobie o pelouro nos ares;
Estes campos converteriam-se em
[mares
Onde o sangue se possa beber!
Larga a vaila! — que, após a pe-
[leja,
Nós e eles seremos unidos!
Lá, vingados, e do ódio esque-
[cidos
Paz faremos... depois de mor-
[rer!*

Este revoltado era o futuro grande historiador, o nosso incomparável Alexandre Herculano, o poeta da "Harpa do Crenete" que a Primavera nos trouxe!

IX EXPOSIÇÃO DO GRUPO «SILVA PORTO»



Sob o nome prestigioso de Silva Porto agrupa-se uma pleiade de pintores ilustres, cheia de tradições artísticas, que se encontra hoje reduzida a três componentes — mestre Carlos Reis, João Reis e Falcão Trigoso.

No cumprimento da sua missão, o Grupo Silva Porto acaba de nos dar a sua nona exposição nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Y Mestre Carlos Reis apresentou nove magníficas telas, em que atesta a sua longa experiência e os seus profundos conhecimentos. O seu pulso acusa o vigor de sempre na pincelada e a sua visão conserva a acuidade que se traduz por frescura de côres e delicadeza de cambiantes.

Falcão Trigoso concorreu com 16 quadros, inspirados em paisagens do litoral português. E

Em cima: «Inundação» de João Reis. A' direita: «Apanha da batata» de Alves Cardoso

manifesta uma técnica subtil no emprego das delicadas meias tintas em que êsses motivos abundam.

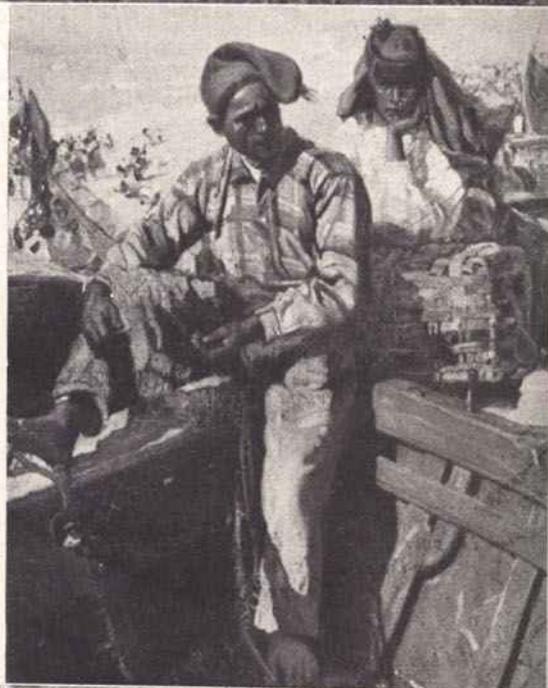
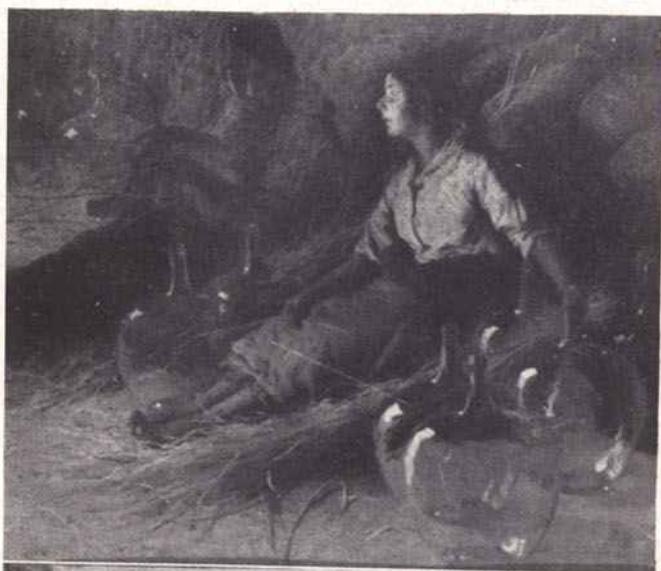
João Reis, um artista em que é agradável verificar os progressos constantes, apresentou dezassete quadros, que afirmam os seus progressos.

De Silva Porto exhibe-se em lugar de honra um admirável quadro. E a memória de Alves Cardoso é também evocada em dois belos quadros «Apanha da batata» e «Vindima».

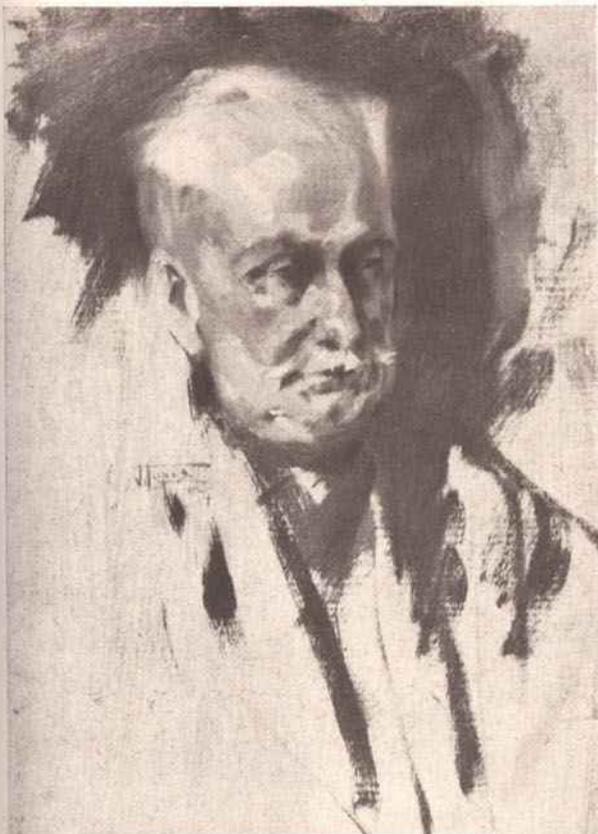
|||
«Fragilidade», um belo quadro de Carlos Reis ←

|||
«Concerto da rede» de João Reis →

|||
Em baixo: «Pagã (Urça)» de Falcão Trigoso e «A moleirinhas» de Carlos Reis



O FIM DE UMA LONGA VIDA



de Quental, tendo-o hospedado na sua residência quando, a convite da academia portuense, o cantor das «Odes Modernas», vindo do seu refúgio de Vila do Conde, chegou ao Porto para ser proclamado triunfalmente o presidente da «Liga Patriótica do Norte» nesses tempos agitados do ultimato de 1890.

Como polemista, teve a honra de esgrimir com o gigante de Seide que impiedosamente o zargunchou nas páginas memoráveis das «Noites de In-sônia».

A' semelhança de Francisco Martins de Sarmiento, o professor Joaquim de Vasconcelos foi um apaixonado e escrupuloso investigador, devendo-se-lhe a autoria dos mais notáveis estudos sobre a arte românica em Portugal, para o que buscou a colaboração valiosa de Marques Abreu, seu dedicado companheiro nas longas jornadas

Dr. Joaquim de Vasconcelos, caricão de Joaquim Lopes

de uma peregrinação de devotado fervor artístico.

vergonha — quando apresentados sob o baptismo estrangeiro; as soberbas exposições que mensalmente se instalam no museu industrial, e tantos outros serviços de alto vulto, prestados ao comércio e à indústria pelo benemérito professor Joaquim de Vasconcelos, eis os títulos que lhe dão direito a um lugar eminente no meio dos nossos homens mais ilustres, em cuja galeria o registamos, como cidadão prestimoso e carácter nobilíssimo».

Já lá vai quasi meio século! De então para cá, o infatigável trabalhador não teve um momento de descanso.

Há sete anos, em 19 de Fevereiro de 1929, o escol dos nossos investigadores e criticos de Arte reuniu-se no Porto para prestar ao Mestre insigne uma simpática homenagem de louvor, de reconhecimento e de gratidão. Foi uma festa muito íntima, mas altamente honrosa para o venerando pedagoga, que se confessou extremamente penhorado, dizendo-se bem pago assim, das inúmeras cansaças e penosos sacrificios que suportara e vencera para levar a bom termo o seu patriótico apostolado de incansável peregrino em busca de novos elementos que o levassem a estabelecer, em bases definitivas, os estudos dogmáticos da nossa História de Arte.

Extinguiu-se a vida dêsse venerando ancião de 87 invernos como a daquele santo João de Scórdio de que nos fala Gabriel D'Annunzio:

As suas mãos ossudas, secas, tismadas, que pareciam fundidas em bronze vivo, não paravam nunca, não conheciam talvez a fadiga. Um dia, exclamei:

«—Quando é que as tuas mãos descansarão?»

«O homem íntegro olhou para as suas mãos com um sorriso; contemplou as costas e a palma, voltou-as ao sol por cima e por baixo. Aquêlê olhar, aquêlê sorriso, aquêlê sol, aquêlê gesto davam aquêlê mãos calosas uma nobreza soberana. Calejadas pelas ferramentas agrícolas, santificadas pelo bem que tinham espalhado, pelo imenso labor que tinham fornecido, aquêlê mãos agora, eram dignas de levar a palma.

«O velho cruzou-as no peito, segundo o rito mortuário dos cristãos, e respondeu, sem cessar de sorrir:

«—Brevemente, meu senhor, se Deus quiser. Quando mas puzerem assim, no caixão. Amen.»

A morte do erudito investigador dr. Joaquim de Vasconcelos, ocorrida no dia 1 do corrente na cidade do Porto, constitui uma perda nacional. A sua longa carreira, tãda dedicada ao serviço da Pátria e da Ciência, representa um exemplo nobilíssimo que infelizmente não está sendo seguido nos tempos que vão correndo.

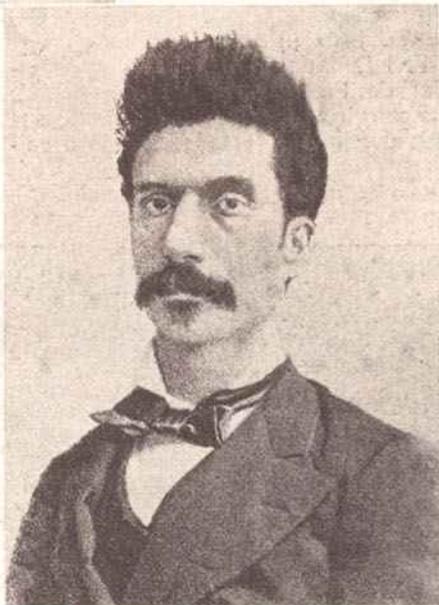
Conviveu com as individualidades mais ilustres de Portugal dêsstes últimos sessenta anos e manteve relações de intercâmbio cultural com os mais notáveis cientistas estrangeiros do último quartel do século XIX.

Os seus primeiros estudos foram feitos na Alemanha, para onde fôra enviado, tendo apenas dez anos de idade. Ali conseguiu uma educação que muito contribuiu para fortalecer a sua formação intelectual de esteta e crítico. Viajou, depois, pela Europa, demorando-se na Dinamarca, na França e na Inglaterra. Nisto, rebentou a guerra franco-prussiana, e o dr. Joaquim Vasconcelos veio recolher-se a Coimbra.

Mas o seu espirito irrequieto não cabia no ambiente da veneranda cidade universitária. Logo que lhe foi possível, voltou à Alemanha e por lá se demorou, visitando museus, bibliotecas e arquivos. Assim conseguiu reunir os elementos dispersos que o habilitaram a estudar, dentro dos mais austeros princípios de análise e de crítica, os artistas portugueses dos séculos passados. A sua idéia fixa e perene era escrever a História Artística de Portugal com a amplitude merecida.

E, assim, da sua obra de crítico eminente surgiram trabalhos de envergadura como «Os músicos portugueses», «Arqueologia Artística», «Ensejo crítico sobre o Catálogo d'El-Rey D. João IV», «Catálogo de livraria de música de El-Rey D. João IV», «O Fausto de Goethe é a tradução do Visconde de Castilho». Os seus magníficos ensaios sobre Alberto Dürer, Damião de Gois, Luiza Todt, Vieira Lusitano e Marcos Portugal são hoje a mais segura fonte de consulta. Animado ainda no desejo de fazer ressurgir as antigas «indústrias caseiras» que tão eloquentemente afirmavam as ingênuas e belas tradições artísticas do povo português, Joaquim de Vasconcelos organizou e tornou célebre o antigo Museu Industrial e Comercial do Porto que não sabemos que rajada de malvez selvática fez derruir com tantas preciosidades.

Foi amigo íntimo e confidente de Antero



O dr. Joaquim de Vasconcelos em 1890

extraordinário dos «Pontos nos i», publicado em 23 de Outubro de 1890

com exclusiva referência à Exposição Portuguesa de Paris, dedicava a sua página de honra ao ilustre professor Joaquim de Vasconcelos, enaltecendo-lhe a sua já vasta fôlha de serviços.

O retrato do eminente sábio, traçado pelo lápis prodigioso de Rafael Bordalo Pinheiro, tinha esta significativa legenda:

«A iniciativa da Sociedade de Instrução, do Porto; os trabalhos importantíssimos da exposição de cerâmica nacional; o excelente museu industrial etnográfico, onde se admiram as magníficas coleções de rendas e tecidos nacionais conhecidos entre nós

—digámo-lo com



Último retrato do Mestre

As amadas do poeta do Neiva

Nos memoráveis tempos de D. João III houve um poeta que teve a coragem de confessar a sua altivez entre uma matilha repelente de aduladores palacianos. Foi o nosso grande Sá de Miranda que a si próprio se definia nas cartas que enviava ao sombrio monarca, usando dos seguintes termos:

*Homem dum só parecer,
Dum só rosto e uma só fé,
Dantes quebrar que torcer,
Outra coisa pode ser,
Mas da corte homem não é.*

Passou agora mais um ano sobre a sua morte, podendo dizer-se que jaz esquecido, pois só os eruditos se preocupam, de longe em longe, com a sua personalidade e a sua obra! E, no entanto, a literatura portuguesa muito deve a este Mestre que andou durante cinco anos por Milão, Veneza, Florença, Roma, Nápoles e Sicília em estudos profundos, voltando a Portugal com as forças necessárias para romper com a poesia palaciana da Idade Média. Como admirador entusiasta de Petrarca, introduziu em Portugal o hendecassílabo jâmbico italiano, e abriu, por fim, uma nova era que não deve ser desprezada. Foi incontestavelmente o fundador do terceiro período da poesia portuguesa que, em 1572, havia de atingir o ponto culminante com os prodigiosos versos de Camões.

Hoje em dia, quando se fala de Sá de Miranda, é tão somente para lhe sondarem as aventuras amorosas que porventura teve como digno continuador de seu pai, o cónego Gonçalo Mendes que, além de mais três filhos, o houve duma dama nobre e solteira chamada D. Inês de Melo. Verdade seja que este cónego teve o desassombro de legitimar os bastardos por meio de cartarégia que D. João II se dignou mandar passar com tôdas as honras.

O futuro grande poeta passou a sua meninice em Buarcos em casa de sua avó D. Felipa de Sá, casada com João Gonçalves de Miranda, e daí o nome de Sá de Miranda que tão glorioso se havia de tornar.

A sua vida aventureira fez-lhe conhecer várias damas que requestou, salientando-se a ilustre poetisa D. Leonor de Mascarenhas que lhe trouxe longas insónias e zêlos agrilhoantes.

O Poeta do Neiva suspirava:

*De quem me devo queixar?
De vós que pudera ser,
Não vos sabe alma culpár;
Fica somente o sofrer,
Se mais fica, é suspirar...*

*Ora, os suspiros que são
Salvo ar espalhado ao vento?
Onde brada o coração
Nossos ouvidos não vão,
Deixam tudo ao entendimento.*

*Que me eu quizesse queixar,
Quem me poderia crêr?
Deixai! Já venha o pesar,
Que pode o pouco empecer
Que pode o muito durar!*

*Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo;
Não posso viver comigo,
Nem posso fugir de mim!*

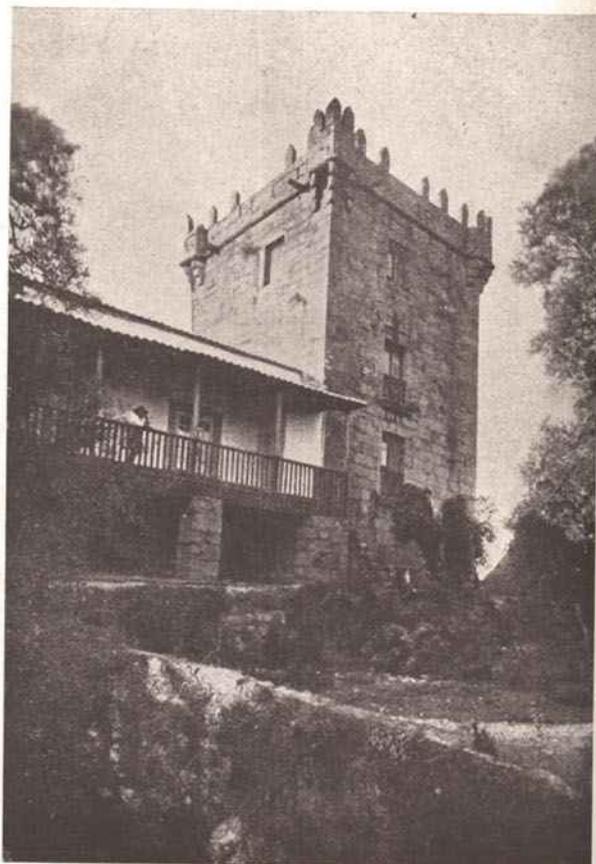
Quem seria esta ingrata? Eis o enigma que muitos investigadores tentam solucionar, sem o menor resultado até hoje.

Seria D. Leonor de Mascarenhas? Sabemos que esta ilustre dama, natural de Almada, e mais nova dezoito anos que Sá de Miranda, versejou de camaradagem com este e com Bernardim Ribeiro que chegaram a cognominá-la de "Marquesa de Pescara portuguesa", irmanando-a assim à famosa Vittoria Colonna italiana.

Sabemos ainda que frequentando a casa de Crasto, conheceu ali D. Briolanja de Azevedo, irmã de Manuel Machado, a qual pediu em casamento. Realizou-se este enlace por intervenção de D. João III em 1536.

Frei Luiz dos Anjos diz no seu "Jaridim de Portugal" que D. Leonor de Mascarenhas desde o princípio da sua vida desejou ser freira, chegando a edi-

Sá de Miranda



ficar em Madrid, à sua custa, um mosteiro da ordem de S. Francisco. Sentia-se desgostosa do Mundo, e daí o declarar nos seus versos:

*Desejos meus e cuidados
Não são postos nesta vida...*

Ao mosteiro que edificou na capital espanhola "pôs-lhe o título dos Anjos, porque (no dizer do frade crónista) este nome merecem as mulheres que, deixadas as coisas do Mundo, se metem a servir a Deus naquele e semelhantes paraísos da Terra".

A poetisa preferiu o caminho do céu aos requebros enternecidos do Poeta do Neiva. Devemos salientar, no entanto, que a fundação do mosteiro se efectuou, tendo ela já 61 anos de idade...

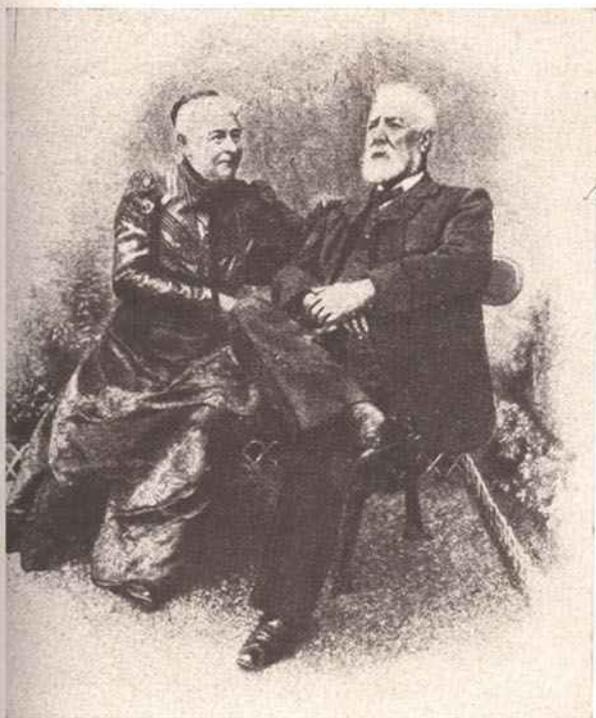
Mas seria esta a primeira paixão de Sá de Miranda?

Alguns investigadores são desta opinião, enquanto outros se inclinam a dar como inspiradora da paixão do poeta uma outra senhora que em vida se chamou D. Isabel Freire. E, como se não bastasse, surge também a própria Vittoria Colonna, marquesa de Pescara, como uma das requestadas de Sá de Miranda.

E enfronham-se todos em investigações minuciosas para que se apure devidamente qual delas poderia ter sido a verdadeira!

E porque não haviam de ser as três, à semelhança do que sucedeu com Camões que se inspirou numa boa duzia delas?

Júlio Verne e os submarinos



Júlio Verne e sua esposa

QUANDO Júlio Verne criou o seu famoso *Nautilus* das "Vinte mil léguas submarinas", todo o mundo que o leu tributou homenagem ao visionário que já tinha andado pela Lua em viagem maravilhosa, mas ninguém teve a mais ligeira noção do que estaria para surgir no curto prazo de meio século.

Ainda recordamos a magnífica biblioteca de doze mil volumes que o capitão Nemo tinha a bordo do seu submarino, e que o seu possuidor definia assim:

"São os únicos elos que ainda me prendem à Terra. Para mim o mundo acabou no dia em que o meu *Nautilus* mergulhou pela primeira vez nas águas. Nesse dia comprei os meus últimos volumes, as minhas últimas brochuras, os meus últimos jornais, e de então para cá, é como se a humanidade não tenha escrito nem pensado mais. De resto, estes livros estão à sua disposição, e pode servir-se deles quando quiser."

Agora, que passa mais um aniversário sobre a morte do profeta excelso das maravilhas científicas, e em França acaba de organizar-se a "Sociedade dos Amigos de Júlio Verne", o ilustre escritor dr. João de Barros salienta que "leitura familiar das crianças de inúmeros países, talvez em parte alguma, como entre nós, os romances de Júlio Verne constituíssem o único alimento espiritual de gerações e gerações de adolescentes, que há trinta, quarenta ou cinquenta anos atrás despontavam para a sequiosa, para a impetuosa conquista e visão da vida."

Como sempre sucede, aparecem mal-dizentes mais ou menos enfatuado, cujos remoques tresandam a inveja a centenas de quilómetros.

Desta vez, é Pierre Bost que, comentando a fundação da simpática Sociedade, aliás louvando sem restrições uma tão generosa iniciativa, diz que Júlio Verne não foi um escritor, e que está fóra do plano literário!

Demónio! não há de ser tanto assim... Daqui a um, dois, três, e mais séculos há de continuar a ser glorificado o nome portentoso de Júlio Verne por gerações que nem sequer deram fé da passagem felizmente efêmera do sr. Pierre Bost por este mundo.

Júlio Verne foi "um magnífico professor de energias", e "a sua obra tomou grande parte no acordar de certas vocações de exploradores e navegadores modernos", — no dizer do inspirado poeta do "Anteu".

Isto não consegui ainda o sr. Bost com todas as suas prosápias estilistas e o seu azedume de despeitado.

Quando o engenheiro norte-americano Simon Lake se decidiu a construir o primeiro submarino — o famoso "Argonauta", com o

qual realizou explorações prodigiosas no fundo do mar — estava obcecado pelas leituras de Júlio Verne. Se lhe dá para ler Flaubert, deleitaria o espírito, mas nunca sairia da cêpa torta...

Resta-nos uma consolação nestas palavras com que Júlio Verne remata as "Vinte mil léguas submarinas": "O que se passou durante aquela noite, como a lancha escapou ao formidável redemoinho de Maelstrom, como Ned-Land, Conseil e eu saímos do precipício, não sei dizê-lo; mas quando voltei a mim, estava deitado na cama de um pescador das ilhas Loffoden. Os meus dois companheiros, são e salvos, achavam-se perto de mim e apertavam-me as mãos. Abraçamo-nos com efusão.

"Agora não podemos regressar à França. Os meios de comunicação entre a Noruega setentrional e o sul são raros. Vejo-me, pois, obrigado a esperar a passagem do vapor que faz o serviço bimensal do Cabo Norte.

"É, pois, no meio

O submarino hidrografo do engenheiro Lake

desta honrada gente que nos acolheu, que revejo a narrativa das minhas aventuras.

"Acreditar-me-ão? Não sei, e pouco importa. O que posso afirmar agora é o meu direito de falar desses mares, por baixo dos quais, em menos de dez meses, percorri vinte mil léguas, desse giro do mundo submarino, que me revelou tantas maravilhas através do Pacífico, do Oceano Indico, do Mar Vermelho, do Mediterrâneo, do Atlântico, dos mares austrais e boreais!

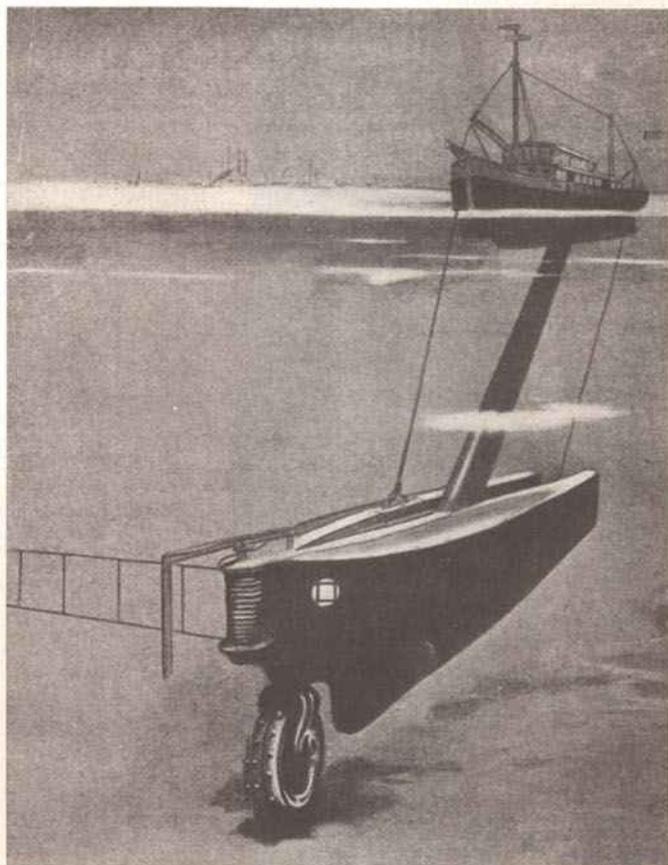
"Portanto, à pergunta feita há seis mil anos pelo *Eclesiastes*: "Quem pôde já-mais sondar as profundezas do abismo?", dois, entre todos os homens, têm direito de responder agora. O capitão Nemo e eu."

Decorreram anos. Na América do Norte apareceu o engenheiro Lake a realizar o plano esboçado pela prodigiosa imaginação de um escritor.

Uma utopia que se transformava em realidade.

Agora, que "o Progresso tornou livres as veredas desse elemento inacessível ao homem", conforme o vaticínio de Júlio Verne, muitas vozes se levantam a responder com arrogância à famosa pergunta bíblica. Mas nesse tempo, em que o visionário de Amiens idealizava as "Vinte mil léguas submarinas", só um homem se atreveu a responder com clareza.

E esse homem foi Júlio Verne.



AINDA há poucos anos, quem visitasse a cidade do Porto, e perguntasse pela casa onde nasceu o Infante D. Henrique, seria conduzido a um armazem de bacalhau, situado a poucos passos do rio Douro. Edifício bronzado, ostentando uma lápida evocadora do glorioso acontecimento, mas atirado ao mais completo abandono! Assim, o Porto tomou a iniciativa de erguer uma estátua ao ínclito filho de D. João I, gravando-lhe numa das faces a única estrofe que o imortal cantor das glórias nacionais lhe concedeu:

*Assi fomos abrindo aquêles mares
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu.*

Pois no dia 4 de Março de 1894, festejando-se o 5.º centenário do nascimento do Infante, foi assentada solenemente a primeira pedra do monumento na muito nobre, leal e invicta cidade do Porto. Presidira à cerimónia o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia.

A figura gigantesca do Vedor de Sagres merecia esta consagração.

Mas houve sempre a tendência para a ingratidão, tanto em Portugal como em todos os países do Mundo. E, às vezes, nem só a ingratidão é a recompensa dos beneméritos: surge também a calúnia que, tendo-os perseguido em vida, acabam por ir sentar-se-lhes sobre os túmulos.

Ao Infante D. Henrique, a mais grave acusação que lhe fazem é o desinteresse que manifestou pela desventurada sorte de seu irmão D. Fernando, cativo em Fez.

Quando da desastrosa jornada de Tanger, D. Henrique tomara o comando das forças (uns seis mil homens) na ânsia de engrandecer a sua Pátria. Acompanhava-o seu irmão D. Fernando. Após vários assaltos à praça, em que apenas se sacrificaram vidas, os nossos viram-se cercados pelos dois poderosos exércitos que os reis de Fez e de Marrocos enviaram em socorro de Tanger.

D. Henrique atreveu-se, ainda assim, a enfrentar o inimigo com o seu pequeno exército dizimado pelas febres e pelo cansaço. Nessa peleja, que ficou memorável, foram cometidos tais actos de bravura que são lembrados ainda hoje pela moirama!

Dali a poucos dias, o Infante D. Henrique desembarcava em Ceuta com os restos do seu exército, mas sem o seu amado irmão que, com vários fidalgos portugueses, ficara como refens em poder de Çalá ben-Çalá. Em troca, o moiro exigia a entrega de Ceuta.

E' bom salientar que, nesse momento, se travou uma outra luta mais comovedora do que a travada antes em frente

das muralhas de Tanger. Foi a luta de amor fraternal aberta entre D. Henrique e D. Fernando. Qualquer deles disputava com igual veemência o direito de sacrificio! D. Henrique foi o primeiro a oferecer-se como refens, ante os protestos do irmão que alegava ser a êle que com-

sobrepujara-lhe no coração o amor da Pátria e qualquer outro sentimento. São bem significativas estas que dirigiu a el-rei seu irmão:

— «Parece-me que pela liberdade do nosso irmão deis todos os prisioneiros que tendes, e todos os que poderdes haver por outros reinos.

Abri os vossos tesouros, e oferecei-os por êle; e, se os bárbaros o consentirem, aqui estou eu que de boa vontade irei ocupar o seu lugar, como já quis com instância quando dêle se fez a entrega. E se

não bastar todo êste prego para a ambição africana, dai-me, Senhor, vinte e quatro mil homens, que eu vos dou esta cabeça por fiadora se não vos fizer monarca pacífico de tôda a Africa; mas entregar Ceuta, isso nunca o poderá sofrer o meu amor pela Pátria!»

Fala-se agora em levantar em Sagres um monumento condigno que fale mais alto que o padrão humilde que a rainha D. Maria II ali mandou colocar em 1839.

Nesse padrão, encimado pelas armas do glorioso Infante, tendo à direita uma esfera armilar, e à esquerda um navio à vela, figura uma inscrição em latim com a sua versão em português. Diz assim:

Monumento consagrado à Eternidade: o grande infante D. Henrique, filho de el-rei de Portugal D. João I, tendo empreendido descobrir as regiões até então desconhecidas da Africa occidental, e abrir assim caminho para chegar por meio da circum-navegação africana até às partes mais remotas do Oriente, fundou nestes lugares, à sua custa, o palácio da sua habitação, a famosa escola de cosmografia, o observatório astronómico e as oficinas de construção naval, conservando, promovendo e aumentando tudo isto até o termo da sua vida com admirável esforço e constância e com grandíssima utilidade do Reino, das Letras, da Religião e de todo o género humano. Faleceu este grande príncipe, depois de ter chegado com suas navegações até o 8.º grau de latitude setentrional e de ter descoberto e povoado de gente portuguesa muitas ilhas do Atlântico, aos XIII dias de Novembro de 1460, D. Maria II, rainha de Portugal e dos Algarves, mandou levantar este monumento à memória do illustre príncipe seu consanguíneo, aos 379 anos depois do seu falecimento, sendo ministro dos Negócios da Marinha e Ultramar o Visconde de Sá da Bandeira, 1839.

Erga-se agora um mais alto monumento que mais altamente comemore a figura gigantesca dêsse Solitário sublime que toda a sua vida se devotou ao engrandecimento da nossa Pátria.

HOMENAGEM AO VEDOR DE SAGRES

petia êsse sacrificio, visto não fazer tanta falta como o comandante das forças portuguesas. Ao cabo de longa disputa, D. Henrique cedeu, voltou livre, mas deixou a alma cativa junto do irmão que estremecia.

Devorado pela mais negra melancolia, caiu enfermo logo que chegou a Ceuta, onde seu irmão D. João o foi visitar. Ambos trataram, com o maior interesse, de resgatar o cativo, mas tudo foi baldado. Ceuta era o único resgate que o moiro exigia...

Quando D. Henrique deu conhecimento do triste facto a seu irmão D. Duarte, salientou-lhe com a maior firmeza:

— «Considero Ceuta como porta aberta, para em algum tempo vir a África rendida beijar vossos pés, ou de vossos sucessores, se êles com o cetro vos herdarem o zelo».

O Infante falava como um homem que sabia ler no presente a história do futuro. Sobejas provas dera êle do seu amor pelo irmão cativo, mas

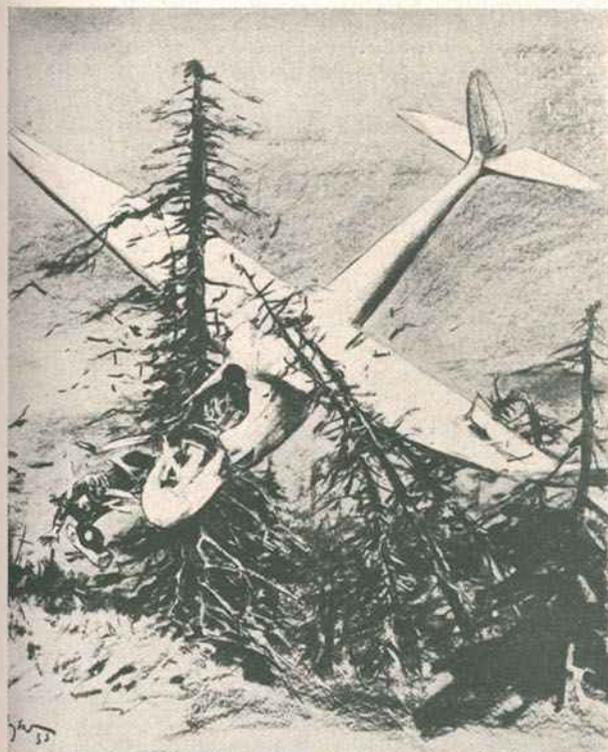


Infante D. Henrique

À MANEIRA DAS AVES

O VÔO SEM MOTOR

DESPORTO EMOCIONANTE E ARRISCADO



O tragico acidente do piloto Günther Groenhoff

Em 1926, Max Kegel descobriu por acaso que existe uma força impulsiva mais poderosa ainda: a das correntes de ar verticais que uma tempestade levanta na sua frente ao vencer a resistência das camadas atmosféricas imóveis. Audaciosos pilotos deram-se a utilizar esse princípio a despeito dos graves riscos que apresenta, pois as referidas correntes verticais são tão fortes que por vezes o aparelho se despedaça e o piloto é obrigado a procurar salvação no pára quedas.

Conseguiram-se assim alguns dos mais admiráveis resultados em vôo à vela. O grande «ás» alemão Robert Kronfeld pôde, com o auxílio de tão poderoso motor, cobrir distâncias de 90 milhas e atingir a altitude de cerca de dois mil e quatrocentos metros.

Kronfeld possui também no seu activo uma realização brilhante. Num aparelho do mes-

mo género, mas munido dum motor de cinco cavalos destinado a suprir as correntes atmosféricas onde estas faltam, atravessou o Canal da Mancha voando de Londres a Paris em quatro horas e cinco minutos. Nunca este vôo se fez com tanta economia, pois a despesa de combustível e óleo não chegou a cinqüenta escudos!

No livro que dedica ao importante problema do vôo à vela, Kronfeld enumera as faculdades que o piloto do aparelho sem motor deve possuir. É preciso — diz elle — que aprenda a reconhecer o significado das correntes de ar pela sensação do vento que lhe bate no rosto. Deve chegar a conhecer a sua máquina a ponto de compreender a sua linguagem particular porque há uma indicação em cada reflexo do aparelho. O conhecimento profundo de meteorologia e termodinâmica é-lhe também indispensável, do

mesmo modo que uma exacta noção da topografia dos locais que sobrevoa.

Finalmente deve possuir apuradas faculdades de observação e utilizá-las ao máximo. A direcção duma simples coluna de fumo pode ser indicação preciosa. Kronfeld conta que certa ocasião evitou uma aterragem desastrosa, seguindo a indicação que lhe era dada por um falcão. O seu aparelho perdia altura em frente de uma colina e a descida não se podia fazer na encosta em boas condições. Kronfeld notou então que a pouca distância um falcão se deixava impelir por uma corrente de ar vertical. Voou para o local e imediatamente ganhou 20 metros de altura, o que lhe permitiu ultrapassar a colina.

O vôo à vela é hoje largamente praticado em todo o Mundo e patrocinado por muitos Govern-



Em cima: Aparelhos sem motor aproveitando a aproximação duma tempestade para realizarem os seus perigosos «records». A' esquerda: Preparativos para uma largada em plena montanha

DOMINAR o espaço por meio de poderosos motores é uma das grandes conquistas humanas. Mas voar apenas pela utilização inteligente das forças naturais é, sem dúvida, um triunfo maior ainda.

O vôo à vela é hoje um dos mais emocionantes desportos e, simultaneamente, uma arte subtil que exige excepcional intuição. Quem a pratica carece de ter largamente desenvolvido um sexto sentido que lhe permita compreender instantaneamente as condições atmosféricas e tirar delas toda a vantagem possível para efeitos do vôo.

Para se manterem no ar os aviões sem motor utilizam as correntes atmosféricas ascendentes. Estas correntes podem ter diversas origens: ou ser provocadas pelos acidentes do terreno ou por diferenças de temperatura.



nos, por isso que contribue para a formação de pilotos. Na Crimeia realiza-se anualmente um festival, no último dos quais tomaram parte cerca de 100 aviões sem motor. Na Alemanha disputa-se todos os anos a «Wasserkuppe». O princípio e o fim da competição é marcado por curiosas solenidades. Os novos aparelhos são baptizados com ar líquido e, no final, um avião é queimado à memória dos pilotos mortos durante o ano.

Um tão emocionante desporto oferece, como é natural grande número de perigos. Assim, há anos, durante a disputa da «Wasserkuppe» o piloto alemão Günther Groenhoff morreu, em consequência duma aterragem desastrosa num bosque, após um temerário vôo.

Em Portugal, o vôo à vela está ainda muito atrasado. Há no entanto que assinalar meritorias iniciativas de que registaremos a do engenheiro Varella Cid, construtor dum hidro-avião sem motor que mereceu aos círculos especializados do estrangeiro as mais elogiosas referencias, caso a que a «Ilustração» se referiu oportunamente.

Um jornal parisiense lançou há tempo a notícia sensacional de que 200 aviadores italianos tinham assumido o compromisso de, no caso de guerra, se arremessarem com os seus aviões carregados de explosivos contra as unidades da esquadra do seu eventual inimigo.

Não sabemos o que há do verdadeiro na notícia. Mas à primeira vista, este espantoso projecto nada tem de impossível. O misticismo patriótico é, sem dúvida, capaz de impulsionar actos semelhantes e o suicídio colectivo de duzentos homens sacrificando-se pela sua pátria não seria facto sem precedentes. O mais inverosímil da história seria neste caso o anúncio antecipado da trágica determinação, quando nada existe ainda que a justifique.

Mas a questão deve ser considerada sob outro aspecto — o do seu valor militar e ofensivo. Os resultados duma agressão deste género corresponderiam à grandeza do sacrifício?

À face dum raciocínio elementar as vantagens parecem evidentes. Um único avião poderia destruir ou pôr fora do combate um grande barco de guerra e, nestas condições, o macabro projecto dos aviadores italianos seria susceptível de aniquilar uma poderosa esquadra. Mas um exame mais profundo do problema leva-nos à convicção de que isso não passa duma quimera heróica, cuja aplicação prática se tornaria difícil e de precários resultados.

Existem actualmente três métodos de ataque dum navio pela aviação. Os desenhos que acompanham estas linhas mostram em esquema as suas características. No primeiro caso o avião sobrevôa o barco inimigo a uma altura que lhe permita escapar ao fogo anti-aéreo deste e lança as suas bombas, tendo em conta os necessários desvios, direcção do vento, marcha do navio. É pouco arriscado, mas muito falível pois um barco em movimento no meio do mar oferece um alvo reduzido e as probabilidades de lhe acertar são poucas.

Outro método consiste para o avião em fazer uma descida em vôo picado, largando os seus projectéis quando se encontra a pequena altura sobre o navio e afastando-se logo em seguida. As probabilidades de atingir o alvo são aqui maiores, mas a eficácia da defesa anti-aérea do navio aumenta proporcionalmente e o avião corre risco de ser abatido pelo fogo de barreira antes de ter podido largar as suas bombas.

Existe finalmente o método de ataque próprio dos aviões-torpedeiros que consiste em descer à cerca de vinte metros de altura sobre a superfície das águas num raio de 1.500 metros de distância do barco alvejado, e largar na direcção deste um torpedo. A surpresa parece ser aqui um elemento considerável mas o ataque é menos temível que o

dum contra-torpedeiro que pode lançar quasi simultaneamente seis daqueles engenhos de destruição.

Convém notar que tudo o que diz respeito às condições táticas dum combate entre a aviação e a marinha de guerra pertence ao domínio da

de caça é muito reduzido. Com os motores em pleno rendimento não pode voar mais de uma hora. Funcionando em regime normal mantém-se naturalmente no ar muito mais tempo. Mas em qualquer dos casos não lhe é possível tomar parte numa batalha naval que se desenvolva a 300 quilómetros do litoral. Restam, portanto, os aviões embarcados a bordo dos navios de guerra como únicos que poderiam ser empregados com

êxito na operação. Mas a esquadra italiana não dispôs de mais de 40 desses aparelhos, ao passo que a inglesa possui perto de 200. Sem contar que a maior parte desses aviões embarcados não possui a ligeireza e rapidez necessários ao fim em vista.

Temos depois os meios de defesa do navio. O armamento anti-aéreo das unidades modernas é poderosíssimo. Compõe-se de artilharia especial e numerosas metralhadoras pesadas. Antes de atingir o seu alvo, o avião teria, portanto, de atravessar uma cortina de balas, suficiente em muitos casos para lhe interromper a trajectória e o precipitar no mar.

Outro meio de defesa: as cortinas de fumo. Neste caso, o atacante só poderia avançar às cegas, com risco de errar o alvo e de se perder.

Admitamos, porém, que alguns aviões vencem

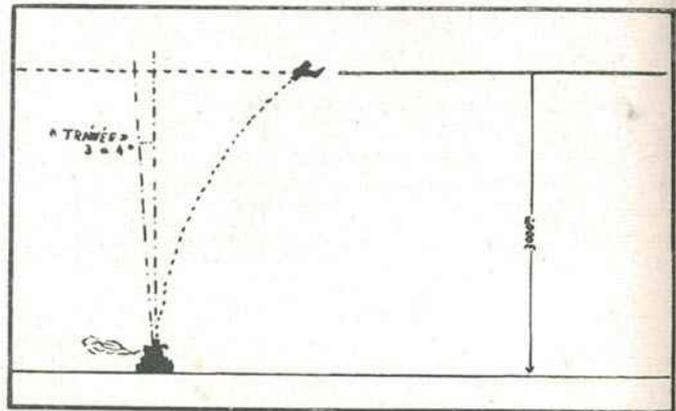
OS HOMENS-BOMBAS

O fantástico projecto de 200 aviadores italianos que se oferecem para chocar os seus aviões contra os navios duma esquadra inimiga

teoria. A última guerra não proporcionou a esse respeito experiências importantes e a prática pode demonstrar amanhã o erro de muitos princípios accitos como bons.

Ora o propósito dos 200 aviadores italianos é inteiramente diverso dos métodos que atrás anunciámos. Consiste na queda voluntária dum avião sobre a ponte dum navio e um exame atento da questão mostramos que nada há mais falível.

Na realidade, o avião teria de proceder como no caso do bombardeamento em vôo picado, com a única diferença que, em vez de largar as suas bombas e ganhar altura, prosseguiria na descida e iria



A forma elementar de ataque dum avião a um navio de guerra, vendo-se indicada a «trajectória» do projectil na queda

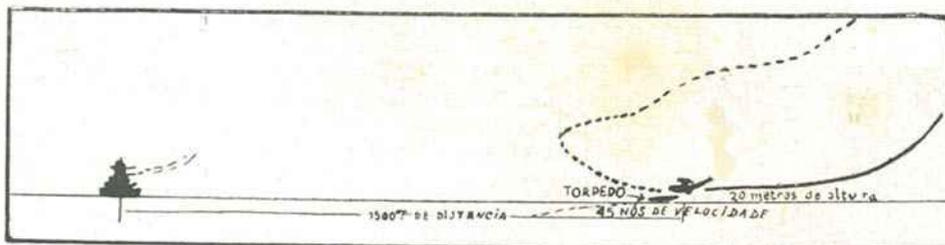
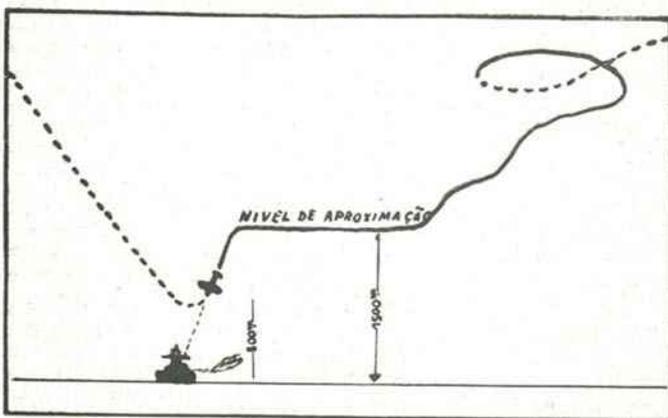


Diagrama do ataque a um couraçado por um avião torpedo, feito a uma distância de 1500 metros



Bombardeamento em vôo picado, que permite ao aparelho atacante largar as suas bombas a pequena altura sobre o alvo

estes meios de defesa e atingem o seu objectivo. Que sucederá?

O poder da penetração duma bomba varia na razão da sua massa e da velocidade. Ora os aparelhos de que os italianos poderiam dispor, conforme vimos, não ultrapassam em vôo picado uma velocidade de 100 metros por

segundo, muito inferior portanto à duma bomba lançada livremente. A violência ficaria deste modo muito atenuada. Por outro lado, a necessidade de empregar na manobra aviões ligeiros não permitiria transportar grandes quantidades de explosivos.

Ora a capacidade de resistência dos navios de linha é considerável e nos Dardanelos um barco inglês recebeu dezasseis toneladas de explosivos sem ir a pique.

Quais seriam, portanto, as conseqüências do choque do avião com um grande couraçado? É evidente que este sofreria grandes estragos. Mas as blindagens da coberta protegeriam as partes vitais do navio e é muito possível que este não ficasse destruído nem mesmo definitivamente fora do combate.

Pelo exposto se vê que a operação cujo propósito se atribue aos 200 aviadores italianos, sendo teoricamente possível, apresenta na prática dificuldades de tal ordem que a classificamos como fantasia.

chocar com o navio. Ora isto é muito mais difícil do que à primeira vista parece.

Em primeiro lugar, como o técnico francês Didier Poulain muito bem observa, a referida manobra só pode ser efectuada por aviões ligeiros, maneáveis e muito rápidos. Ora os italianos não possuem aparelhos deste género. As características apontadas são as do avião de caça. Em princípio, estes aviões poderiam ser adaptados ao fim em vista. Mas aqui surgem as dificuldades. O raio de acção dum aparelho

“TEMPOS MODERNOS,, O NOVO FILME DE CHARLOT

CHARLOT terminou um novo filme, facto que marca sempre como acontecimento do primeiro plano na actividade cinematográfica mundial.

É sabido que cada filme do célebre cómico obedece a um elevado pensamento filosófico, tendência que vem acentuando-se de obra para obra. A nova produção, que se intitula “Tempos Mo-

carreira como corista das Zigfeld Follies. Casou-se e abandonou a vida artística, mas dois anos depois divorciou-se e reapareceu em Hollywood. Desempenhou papéis modestos até que Charlot a encontrou e escolheu para *leading lady*



Charlot num refeitorio de operários. No medalhão: Uma expressão dramática da heróina do filme



Uma graciosa atitude de Paulette Goddard. Em baixo: Duas cenas de “Tempos Modernos”

dermos,, não foge a esta regra. A acção decorre, na sua maior parte, numa grande fábrica e constitui uma sátira a certas tendências da civilização moderna, sobretudo à preponderância sempre crescente do maquinismo na vida humana.

“Tempos Modernos” revelar-nos-á uma nova “estrela”, Paulette Goddard. E será uma revelação sensacional a fazer fé nos críticos das grandes capitais onde o filme já foi apresentado, e mais ainda no incontestado sentido do Charlot, um dos maiores descobridores de “vetetas” do cinema. Paulette Goddard começou a sua



do filme que preparava. Passou assim sem transição da maior obscuridade à máxima celebridade.

A Imprensa têm feito correr a notícia de que Paulette Goddard é para Charlot mais do que uma simples colaboradora, pois pretende-se que casaram secretamente. O rumor teve os naturais desmentidos, mas seria imprudente considerá-lo, só por isso, como inteiramente falso.

“Tempos Modernos” causou ainda recentemente sensação pelo facto de ter sido interdito na Alemanha.



O general Juan Vicente Gomez, chefe de Estado da Venezuela, a cuja morte recente a *Ilustra-*

ção se referiu, foi uma das individualidades mais curiosas e paradoxais do nosso tempo. Os jornais referiram alguns aspectos singulares da sua extraordinária vida de

político e de homem e, após o seu desaparecimento apareceram publicadas na imprensa estrangeira impressões e memórias de alguns raros europeus que com ele conviveram.

A sua aparição no tablado político é igual á de tantos outros caudilhos sul-americanos. Um dia Gomez desceu dos Andes com um grupo de compatriotas seus que se queixavam de ser expoliados. Proclamou-se general e teve artes de engrossar as suas fileiras a ponto de constituir uma força respeitável.

O Presidente Castro, que nesse tempo dirigia os destinos da Venezuela, tratou com elle de potência para potência. E estabelecido o acôrdo, Gomez entrou á testa dos homens em Caracas, onde começou a gozar de grande influência política.

Sentindo-se muito doente, Castro resolveu vir fazer uma cura á Europa. Gomez conquistara a sua confiança e foi elle portanto que o Presidente escolheu para lhe entregar as rédeas do Poder durante a sua ausência. Logo no primeiro porto da escala, o infeliz Presidente soube que fôra destituído, exilado por toda a vida e privado de todos os seus bens. Castro veio mais tarde a morrer miseravelmente em Porto-de-Espanha.

Entretanto, Gomez tratava de se adaptar ás funções de desta forma assumira. Começou por se proclamar «Benemerito» da nação. Como não sabia ao certo a sua idade — porque a instituição do registo civil era desconhecida na rude aldeia onde nascera — atribuiu-se a mesma data do nascimento que o herói nacional Simon Bolivar, o que, poupando um feriado, tinha tambem a vantagem de aumentar o seu prestígio aos olhos do povo. E' curioso notar que o destino parece ter querido ser-lhe agradável, porque o fez morrer no dia do aniversário da morte de Bolivar.

Dentro de pouco tempo, Gomez era o homem mais rico de Venezuela. Não fazia a distincção entre o seu orçamento e o do Estado. Ora em 1922 um facto imprevisito ia canalizar para o país um formidável caudal de ouro. Foi o caso que, após muitos anos de sondagens infrutíferas em torno da lagoa de Maracaibo, o petróleo rebentou certo dia com espantosa violência. Durante nove dias e nove noites o precioso carburante jorrou do solo em quantidades prodigiosas, destruindo aldeias, afogando pessoas e gados. Foi preciso construir barragens. Mas a partir desse momento a Venezuela occupava o segundo lugar mundial na produção de petróleo. Estava rica e o general Gomez tambem. Daqui resultava este facto admirável e talvez unico no Mundo: a população não pagava impostos. As concessões petrolíferas supriam todas as despesas do orçamento.

Gomez não sabia ler nem escrever. Atribuía-se prerogativas absolutas, — medievais por assim dizer. Fazia respeitar rigorosamente o seu direito de prioridade na estrada. Diz-se que qualquer cavaleiro que se atrevia a ultrapassar o seu automóvel corria o risco de ser atingido por uma bala.

Ficou sempre solteiro, o que não o impediu de deixar numerosa descendência. Atribuem-se lhe mais de cem filhos, mas elle só reconhecia

UMA FIGURA SINGULAR

O FALECIDO PRESIDENTE GOMEZ DA VENEZUELA

setenta e cinco que perfilhou e dotou com magnificência, como bom pai de familia. Não é de admirar, sabendo-se isto, que a legislação venezuelana sobre filiação natural seja a mais avançada do Mundo.

Tinha várias predileções, mas a mais evidente era pelos rinocerontes que se entretinha a contemplar longamente.

Caprichoso e autoritário, era sujeito ás mais perigosas fantasias. Certa vez, como antipatizasse



com o ministro da França, mandou que largassem um touro no momento em que o representante daquêle país atravessava o pátio do seu palácio para assistir a uma audiência. Deve dizer-se que as imunidades diplomáticas correram grave risco, e que o ministro ficou devendo á sua agilidade o não ter ali acabado trágicamente a sua carreira.

Tinha ideias primitivas sobre todos os assuntos, e, em especial, os que se referiam ao Governo do país. Procurava suprir as deficiências da sua cultura por uma ciência fisionómica. Assim, enquanto os secretários lhe liam os jornais seguia atentamente as reacções que deixavam transparecer no rosto, para adivinhar se lhe ocultavam qualquer cousa.

Possuía um apetite cinematográfico inextinguível. Todos dias assistia no seu palácio á projecção dum novo filme. Quere isto dizer que as suas exigências se cifravam em 365 filmes por ano, o que obrigava os seus secretários a encomendar tóda a produção da Europa e da America.

Entre as numerosas histórias que se contam sobre o singular estadista de Venezuela, figura a seguinte:

Um irmão que continuava exercendo o officio

de pastor nas ásperas montanhas do Andes, sabendo-o tão rico e tão altamente colocado resolveu ir á cidade pedir-lhe um emprêgo. Meteu-se a caminho e após fadigosa viagem chegou a Caracas.

O Presidente recebeu-o carinhosamente e perguntou-lhe ao

que ia. O pastor explicou em breves e rudes palavras a sua pretensão. Gomez escutou-o e depois dum silêncio disse-lhe:

— Mas que diabo de lugar te hei-de dar, se tu nem sequer sabes ler?

O irmão não se perturbou e respondeu decidido:

— Já descobri o lugar que me convem.

— Então que é?

E o pastor explicou então que numa praça da cidade ouvira momentos antes uma banda de música tocar um concerto. A' frente dos executantes, de pé, estava um homem com galões que fazia sinais com um pauzinho.

— Aquilo tambem eu sei fazer — declarou o pretendente — E é um lugar dêsses que me convem.

O presidente achou-lhe graça. E, ou para lhe ser agradável ou para demonstrar a sua autoridade e o desprezo que manifestava pelas críticas dos adversários, nomeou o irmão regente duma das bandas municipais.

Doutra occasião, como o acusassem de fazer guerra á cultura, deu ordem a um dos seus secretários para fazer um trabalho de investigação científica que assombrasse o Mundo. O homem pôs-se ao trabalho com afínco e passado tempo publicava uma volumosa obra em que pretendia demonstrar que a Venezuela fôra o berço da Humanidade. Gomez solenizou a sensacional «descoberta» mandando erigir um enorme monumento comemorativo de tão singular facto. Mas, por motivos obvios, o mundo científico obstinou-se em não dar critério á estupenda revelação.

Como é de supor, o tratamento que applicava aos seus inimigos políticos não primava pela suavidade. A sua morte foi por isso seguida duma violenta agitação popular, que durante alguns dias perturbou a paz habitual do pequeno país sul-americano.

De acôrdo com o artigo 97 da constituição que, teoricamente, regia os destinos da política venezuelana, após a morte de Gomez, o Governo de Caracas designou o ministro da Defesa Nacional para cargo de Chefe de Estado interino. O novo presidente, que é o general Lopez Contreras, publicou um manifesto dirigido ao país no qual declarou a sua intenção de manter a paz e a ordem. afirmou que o Exército velaria pela integridade da pátria na defesa do seu território e dos sacrificios feitos pelos antepassados em prol da independência.

Posteriormente o general Contreras publicou outro manifesto em que anuncia um vasto plano de reformas, destinado a dar satisfação ás reivindicações que a política férrea do general Gomez combatera sempre sistematicamente. Esse programa, que é vasto e compreende importantes medidas económicas, constituirá, caso venha a effectuar-se, uma bela afirmação de vitalidade e progresso da pequena república sul-americana.

O NAUFRÁGIO DO NAVIO DE SALVAÇÃO "PATRÃO LOPES,"

comunicou o desastre ao Ministério da Marinha. Prepararam-se logo socorros urgentes.

As diligências para safar o navio resultaram infrutíferas. Mas a esperança não estava inteiramente abandonada. O casco forte do «Patrão Lopes» resistiu com êxito ao ataque das vagas enfurecidas. E por isso logo que foi possível começaram os trabalhos de salvamento que ainda não se encontram concluídos, havendo contudo boas esperanças de evitar a perda do navio.



O velho navio de salvamento «Patrão Lopes», que tantos e tão relevantes serviços tem prestado, encalhou no dia 2 deste mês a oeste da torre do Bugio quando regressava do Atlântico onde fôra recolher um batelão que o vapor «Record» rebocava e que a violência do temporal obrigara a abandonar à deriva.

Pelas 20 horas o «Patrão Lopes» demandava a barra, cumprido já o seu encargo e trazendo a reboque o batelão abandonado. Comandava-o o capitão-tenente Monteiro de Barros, marinheiro experimentado para quem a barra de Lisboa não tem segredos e a quem as dificuldades do temporal, que nesse dia era violento, não constituíam obstáculo de maior. Ao passar no sítio conhecido por «entre-tórres» um violento estoque de água impeliu o navio que encalhou na areia. O batelão, carregado de pedra, naufragou quasi imediatamente e a sua posição a estibordo do barco complicava a situação. Um rádio expedido de bordo

Em cima: Dois aspectos dos trabalhos de salvamento. Em baixo: Fotografia do local do desastre obtida pelo tenente-aviador Humberto Pais num aparelho tripulado pelo capitão-aviador Felipe Vieira



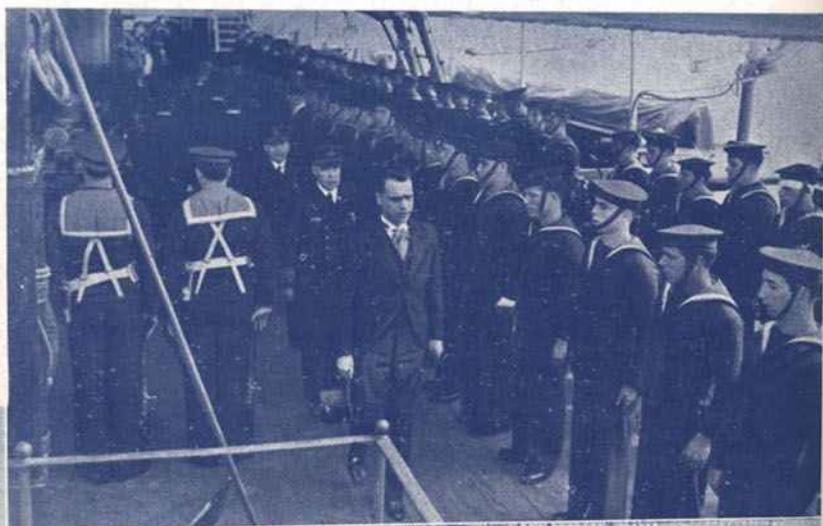
VISITA DO MINISTRO DA MARINHA AO NAVIO-CHEFE DA ESQUADRA

O ministro da Marinha, sr. comandante Ortins de Bettencourt visitou no dia 7 deste mês a fragata «D. Fernando» navio-chefe das forças navais surtas no Tejo, a bordo da qual está também instalada a Escola de Artilharia Naval.

O ministro foi recebido ao portaló da velha fragata pelo comandante superior das forças navais, sr. capitão de mar e guerra Baptista de Barros. Na coberta encontravam-se formados os oficiais do navio e os comandantes das unidades navais surtas no Tejo.

Depois duma rápida revista ao navio, o sr. ministro da Marinha desceu à câmara, onde proferiu um notável discurso pondo em relevo o significado da sua visita. Respondeu-lhe o sr. capitão de mar e guerra Baptista de Barros, que assegurou ao ministro a leal cooperação da Armada.

O comandante sr. Ortins de Bettencourt voltou depois a falar para anunciar a transferência dos serviços da Escola para terra na primeira oportunidade.



Foi em seguida servido um «Porto de Honra» durante o qual se trocaram afectuosos brindes. As nossas gravuras representam: ao alto, a

revista à guarnição do navio; à esquerda, o sr. ministro da Marinha no momento de entrar o portaló da fragata «D. Fernando»; e à direita,

a oficialidade da Marinha de Guerra alinhada na tolda do navio-chefe à chegada do comandante sr. Ortins de Bettencourt.



Os tradicionais bailes da Pinhata



Os bailes da Pinhata, tradicional revivescência do Carnaval a uma semana de distância, tiveram este ano grande animação. Nos recintos onde se realizaram o público acudiu em grande número, ansioso por renovar agradáveis emoções dos bailes do Carnaval.

As nossas gravuras representam: à esquerda, em cima, o baile no Instituto Superior de Agronomia; em baixo, assistência à festa na Casa das Beiras; e à direita, no Grémio Lírico.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Um aparatoso acidente de viação



Na tarde do dia 6 do corrente um carro electrico que subia a R. do Alecrim em experiência, perdeu os travões e recuando foi embater com um camião carregado de mobilia que atrás d'ele seguia. Este facto pode considerar-se providencial pois de outro modo o «electrico» correria risco de galgar até à praça Duque da Terceira, como já em tempo succedeu a outro carro.

O choque dos dois veículos produziu importantes avarias na plataforma do «electrico» que ficou com quasi todos os vidros estilhaçados, mas não causou felizmente graves desastres pessoais, pois só duas pessoas que seguiam no camião sofreram ligeiros ferimentos. Os engenheiros da Carris e das Industrias Electricas e o guarda freio ficaram illesos. Os dois veículos seguiram depois caminho por seus próprios meios.

O acidente causou sensação, provocando, como é natural, grande ajuntamento e animados comentários. A posição do «electrico» e do camião após o embate pode observar-se na gravura acima reproduzida.



«DONA SEM DONO» — mais um livro do formidável romancista do «Sexo forte», o dr. Samuel Maia que pode orgulhar-se de ser um dos nossos raros escritores que produz muito e bem. Só nos temos a felicitar por isso! Neste novo romance do dr. Samuel Maia é retratada magistralmente uma figura deliciosa de mulher — a leviana Mariluca que, emplumada numa educação de energias, julga fazer-se amar sem se deixar ferir pelas hervadas flechas do travesso Eros. E assim vai triunfando como uma «dona sem dono» até que a carne sucumbe...

Linda tese! magnífico romance! empolgante trabalho dum escritor primoroso e dum psicólogo subtilíssimo!

O «Prémio Ricardo Malheiros-1935»

Na Academia das Ciências de Lisboa realizou-se a cerimónia da entrega do «Prémio Ricardo Malheiros-1935», attribuido ao livro «Miradouro», do ilustre escritor dr. Antero de Figueiredo.

Compareceu, numa suprema homenagem ao escritor premiado, o glorioso escritor Carlos Malheiro Dias, que tão cruelmente tem sido torturado pelas enfermidades fisicas. Grande sacrificio deveria ser para o seu corpo sequinho e mirrado pelos padecimentos, mas em compensação — se ainda podem existir compensações neste Mundo — teve a satisfação de sentir o caloroso carinho de que o rodearam os admiradores ali presentes. O grande romancista da «Paixão da Maria do Ceu» tem ainda a vida cintilante que se reflecte nos «Pensadores brasileiros» que publicou ha dias.

Aberta a sessão pelo eminente académico dr. Júlio Dantas, que pronunciou um belo discurso, o dr. Antero de Figueiredo agradeceu em sentidas palavras a distincção que lhe fôra conferida. Um prémio dado pela douta Academia é sempre mais honroso que quaisquer outros prémios que, de vez em quando, surgem a compensar o esforço de quem escreve neste pais. O ilustre escritor premiado obteve assim mais uma consagração a qualificar-lhe o já levantado renome que disfruta nas letras pátrias.

Esta homenagem ficará memoravel, já pelo seu cunho de sinceridade, já pela aglomeração de espiritos cintilantes a iluminar essa linda sala da Academia das Ciências de Lisboa que tão gloriosas tradições ostenta.

A gravura da direita mostra a mesa que presidiu à cerimónia constituida pelos srs. dr. Júlio Dantas, general Aquiles Machado, Joaquim Leitão e dr. Antero de Figueiredo, vendo-se ao lado a figura de Carlos Malheiro Dias.



Homenagem do Grupo dos Novos de Portugal à memória do Infante D. Henrique

À memória do Infante de Sagres realizou-se no dia 4 do corrente uma brilhante sessão solene na sala Portuçal da Sociedade de Geografia, promovida pelo Grupo dos Novos de Portugal. Presidiu o sr. conde de Penha Garcia, tendo à sua direita os srs. ministro da Marinha e coronel Lopes Galvão e à esquerda os srs. Cristiano de Sousa e comandante Alvaro Machado. O chefe do Estado fez-se representar pelo general sr. Amílcar Mota.

Num palco improvisado exhibiram-se escoteiros que apresentaram canções e recitativos patrióticos. Usou depois da palavra o capitão sr. Gomes dos Santos que disse do sentido da homenagem que se prestava ao animador dos Descobrimientos e dos objectivos dos Novos de Portugal. O sr. dr. Joaquim Manso, director do nosso colega «Diário de Lisboa», realizou depois uma notável conferência sobre o Infante D. Henrique, falando do monumento.





Hermann Göring

No momento de escrevermos estas linhas a Europa está perante o facto consumado da remilitarização da Renânia cujas consequências não se podem por enquanto prever.

A decisão de Hitler em violar as cláusulas dos Tratados relativas ao regime de desarmamento da sua fronteira com a França e a Bélgica causou em todo o Mundo a mais justificada emoção, sem constituir no entanto uma surpresa.

Há muito que o que acaba de dar-se era previsto e temido. Sobretudo em França, onde após o restabelecimento do serviço militar obrigatório na Alemanha, a imprensa não cessava de denunciar inquietantes preparativos na zona desmilitarizada.

Como se sabe, a situação dessa região fora determinada nos artigos 42 e 43 do Tratado de Versalhes, mais tarde ratificados pelo artigo 1.º do Pacto de Locarno. São as seguintes as disposições do Pacto de Versalhes:

*Art. 42.º — Fica terminantemente proibido à Alemanha manter ou construir fortificações tanto na margem esquerda do Reno, como na margem direita, a oeste duma linha traçada a cinquenta quilómetros a leste do referido rio.

*Art. 43.º — Dentro da área que se determina no artigo anterior fica igualmente proibido a manutenção ou concentração de força armada, quer temporária ou permanentemente, assim como todas as manobras militares e efectivação de trabalhos permanentes para fins de mobilização.

São estas as disposições que o Reich acaba de violar deliberadamente, enviando tropas para a zona desmilitarizada, ao mesmo tempo que, na tribuna do Reichstag, Hitler anunciava o repúdio do Pacto de Locarno. A ocupação, que a princípio se disse ter apenas carácter simbólico, abrangeu na realidade efectivos que o Estado Maior francês avalia com 60.000

homens. O principal argumento invocado por Hitler no seu sensacional discurso para justificar a decisão tomada, foi o pacto franco-soviético, poucos dias antes ratificado pelo Parlamento francês.

Em sua opinião este pacto era dirigido contra a Alemanha e contrário ao espírito dos tratados existentes, devendo por consequência desobrigar o Reich dos compromissos tomados. Argumento frágil, na verdade, e que não tardou em encontrar a resposta devida:

Se a Alemanha considerava o pacto incompatível com o princípio de segurança colectiva, porque não recorrera para o Tribunal de Haia, invocando as suas razões?

Outros motivos impeliram o "Reichsführer", a esta decisão. E entre eles avulta a necessidade de dar uma satisfação ao seu povo, repudiando a última cláusula vigente dum tratado que ele considera afrontoso.

Tudo leva a crer, na realidade, que as razões da política interna tiveram neste caso um papel preponderante. E ao contrário do que se poderia supor, informações fidedignas dizem que o Exército não só não influenciou nesta atitude de Hitler, como até se lhe mostrou contrário por a julgar imprudente.

Em matéria de política exterior, o facto é facilmente explicável. A França ligada por tratados à "Pequena Entente", à Polónia e à Rússia estabelecia em torno da Alemanha um perigoso anel de ferro, agravado pela circunstância da fronteira do oeste se encontrar aberta à invasão.

Qualquer agressão alemã seria deste modo esmagada com um esforço limitado por uma acção colectiva das potências referidas.

Remilitarizando o Reno, pelo contrário, o Exército alemão poderá deter facilmente uma invasão francesa e ficar com a necessária liberdade de movimentos a leste, onde a sua superioridade é cada vez mais evidente.

Esta circunstância justifica os alarmes da França, muito embora as suas fronteiras se possam considerar suficientemente protegidas. As formidáveis linhas de defesa, em que se gastaram nove biliões de francos, pare-

DETERMINISMO HISTÓRICO

A nova violação dos Tratados

praticada pelo Reich com a reocupação militar da Renânia, coloca a Europa perante a ameaça duma guerra



Hitler, num momento de intimidade, abraça o seu ministro da Propaganda, Góbbels.
Em baixo: os carros de assalto que a Alemanha violou as cláusulas do tratado de Versalhes

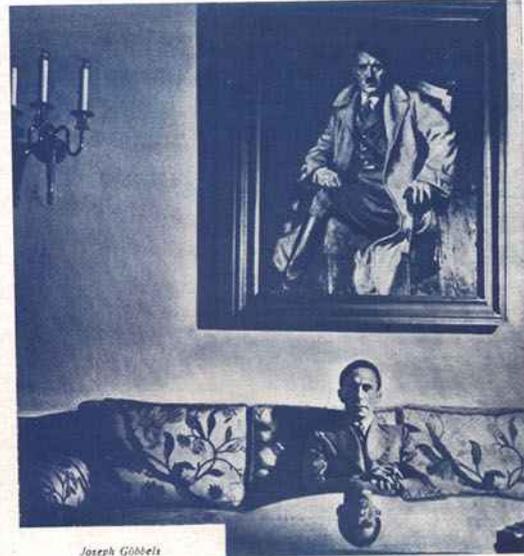
cem na verdade bastar durante os anos mais chegados para imobilizar qualquer agressão que partisse do Reno.

Perante a situação assim criada, a França e a Bélgica recorreram para a Sociedade das Nações, anunciando a sua intenção de exigir o cumprimento total das obrigações prescritas nos tratados. Esta decisão encontrou, como não podia deixar de ser o apoio decidido de outras potências, entre elas as que constituem a Pequena Entente.

Simultaneamente com a declaração de repúdio do tratado de Locarno, Hitler propôs novas negociações e o estabelecimento de diversos pactos de não-agressão. A Checo-Eslóvaquia e a Austria não foram abrangidos nessas propostas, o que pareceu revelar os objectivos secretos da política alemã. Dias depois, talvez com o fim de dissipar as inquietações da Inglaterra, Hitler declarava numa entrevista concedida ao jornalista britânico Ward Price, que não via inconveniente em estender a esses dois países o seu oferecimento.

As propostas de Hitler encontram contudo um grave obstáculo. A repetida violação dos tratados por parte da Alemanha cria, de facto, perspectivas pouco animadoras aos países que estivessem tentados a chegar com ela a acôrdo. Por isso a França afirmou a sua decisão firme de só negociar se fôr restabelecido o "statu quo ante" na Renânia.

O governo inglês, cuja dedicação ao Pacto de Genebra é neste caso sensivelmente mais moderada que no conflito itálio-etíope, procura exercer um papel de mediador. As probabilidades de Hitler reconsiderar e tornar a desguarnecer a Renânia são nulas. Assim é natural que a Inglaterra tente encontrar uma fórmula que consistirá provavelmente numa redução de efectivos e no compromisso de não construir fortificações na região. Mas até quando respeitará a Alemanha estas novas cláusulas?



Joseph Góbbels

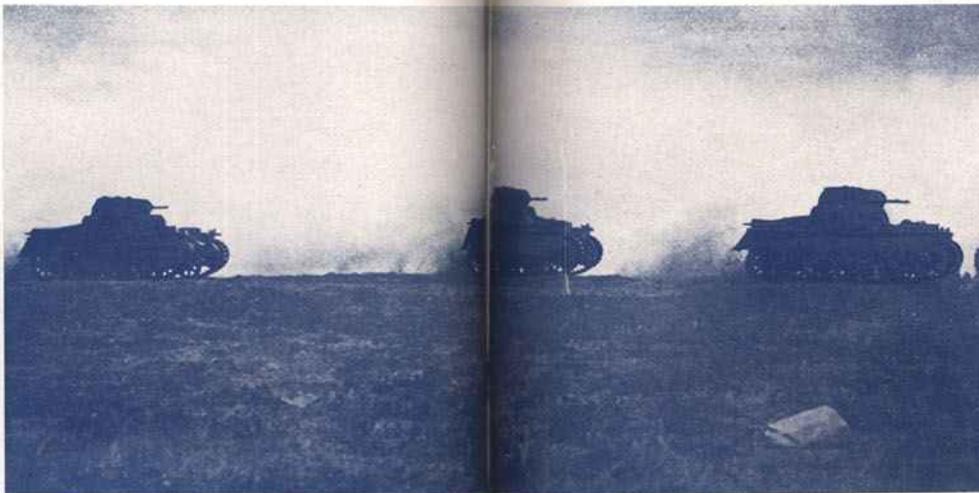
sa, o Conselho da S. D. N. que será convidado a pronunciar-se sobre o caso no dia 14 do corrente. Espera-se que a Alemanha se faça representar.

Quando a "Ilustração" estiver entre as mãos do leitor, o resultado desta sessão do Conselho deve ser já conhecido. Torna-se difícil por agora prevê-lo. A situação especial da Itália perante a S. D. N. torna a atitude deste país enigmática. A Inglaterra procurará levar a França a concessões, mas sem arriscar o seu prestígio de defensora intransigente dos princípios genebrinos. Se essas concessões fôrem excessivas, a reacção dos outros países interessados pode pôr em risco a própria existência da S. D. N.

Quanto à Alemanha, continua a armar-se numa progressão alarmante, e é esse o problema mais angustiante da Europa. Por um fatalismo histórico e para procurar solução para a crise do desemprego, o Reich desenvolve um esforço formidável na corrida aos armamentos. Ora um instrumento de agressão deste poder não se pode forjar para permanecer indefinidamente sem uso. E a consciência deste facto justifica as maiores inquietações.

Resta dizer que Hitler escolheu bem a oportunidade para a sua sensacional atitude. A situação em Genebra foi-lhe excepcionalmente propícia. E a própria escolha dum sábado para o anúncio da sua decisão obedeceu ao cálculo de aproveitar o "week end" inglês que retardaria por algumas a reacção do governo britânico.

Só num ponto, Hitler foi inoportuno. É que tomando a sua atitude antes das eleições francesas, veio favorecer as Direitas, cujo triunfo nas urnas se traduzirá por um reforço dos elementos defensivos da França.





Aspecto da piscina onde serão disputadas as provas olímpicas

CONCLUÍDOS com extraordinário êxito os jogos de Inverno de Garmisch, voltam as atenções de todo o mundo a fixar-se nos Jogos de Berlim, espiciada a curiosidade geral pela perspectiva duma organização modelar, de que os alemães deram já uma significativa amostra.

As notícias que os jornais alemães vão trazendo até nós, elucidam quanto ao escrupulo com que são estudados e preparados os mínimos pormenores.

Segundo os calculos do Comité Organizador, o número de visitantes nacionais e estrangeiros será em Berlim, durante a quinzena de 1 a 16 de Agosto próximo que corresponde à duração dos jogos, de cem a cento e cinquenta mil.

Esta afluência formidável obriga os organizadores a tomar meticulosas precauções, por forma a garantir a toda a gente alojamento e alimentação. A lotação máxima de todos os hotéis existentes em Berlim atinge trinta mil pessoas; elevando-se a quinze mil o número médio de forasteiros que diariamente passam, em virtude de afazeres profissionais, pela capital do Reich, ficam apenas outros quinze mil lugares disponíveis para os casos extraordinários. Destes, dois mil ficam reservados para os delegados oficiais aos jogos, o que reduz a 13.000 os lugares disponíveis para os tais 100.000 forasteiros.

Para suprir esta grave deficiência, foi criada em Berlim uma repartição especial que tomou a seu cargo a busca de alojamentos em casas particulares dos bairros ocidentais da cidade, por ser esse o ponto onde é mais rápido e fácil o transporte para o Estádio e outros locais de concursos.

Para instalação dos hóspedes estran-



Vista geral das tribunas e camarote de honra do Estádio Olímpico de Berlim

A QUINZENA DESPORTIVA

do grandioso estádio de 100.000 lugares, pode considerar-se edificado, tendo sido retirados já os andaimes e faltando apenas as obras de decoração.

O majestoso edifício mede 305 metros de comprimento e 230 metros de largura, apresentando a forma dum oval.

A allura exterior é de 17 metros acima do solo, mas o terreno de jogos fica escavado 12^m.50, de maneira que a profundidade interna é de 28^m.50. A pista que circunda o campo mede 194 metros no eixo maior por 120 metros no menor.

Apesar de tão grandes dimensões, o estádio apresenta um aspecto de conforto que resulta do traçado especial das construções.

O espectador mais próximo da linha de chegada encontra-se a 17 metros e o mais distante a 210 metros. As bancadas estão divididas horizontalmente em duas partes por uma galeria coberta que circunda o edifício. Acima desta galeria encontram-se 30 bancadas e 40 do lado de baixo. A visibilidade é completa de todos os logares das tribunas.

Embora o assunto esteja além do período que nos compete comentar, parece-nos oportuna a apreciação de certos aspectos do encontro entre a nossa seleção de football e os jogadores alemães.

Dissemos, nas breves referências da crónica anterior, que o encontro resultava em amarga desilusão para o público, cujo entusiasmo a crítica prévia encaminhara para a esperança duma conclusão favorável às cores portuguesas.

Batido por três bolas a uma, o grupo nacional não correspondeu às esperanças

nêe depositadas; mas a derrota é honrosa e não impressionaria muito desagradavelmente as pessoas criteriosas se não fóra a forma como, em campo, se manifestou a inferioridade flagrante, tanto técnica como táctica, dos nossos jogadores.

Quem observasse cuidadosamente todos os pormenores teria notado, desde o momento da entrada dos grupos contendores no terreno de jogo, a diferença profunda que os separava.

Do lado dos alemães, o aprumo, a disciplina, a linha atlética contrastavam com o aspecto geral dos portugueses.

Durante a execução dos hinos nacionais, o jogadores visitantes, impecavelmente alinhados numa fileira, tomaram a posição de sentido correcta desde as pontas dos pés à atitude da cabeça, e os braços estendidos à frente na saudação "nazi", formavam um plano de absoluta regularidade.

A seu lado, — as fotografias publicadas em diversos jornais e revistas mostram-nos claramente — os onze portugueses constituiram uma linha ondulada, sem ordem nem método, cada um adoptando a posição mais discordante, pernas afastadas, mãos atrás das costas, corpos em desequilíbrio.

São estes pequenos pormenores que melhor servem para definir características fundamentais.

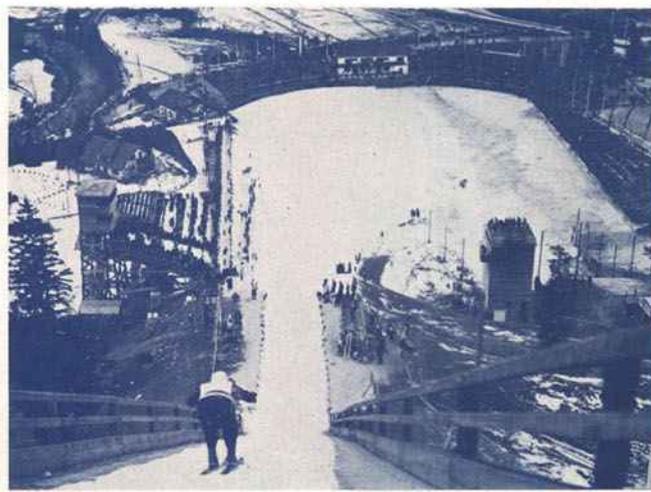
A segunda prova da Pequena Maratona, disputada na distância de vinte e cinco quilómetros, reforçou a impressão de êxito popular e desportivo deixada pela primeira corrida.

O percurso escolhido, de S. Pedro de Sintra ao campo das Salesias, era relativamente fácil porque predominavam as descidas, e este facto, quanto a nós, decidiu a classificação dos melhores homens.

Triunfou Manuel Dias, o campeão de melhor classe que o atletismo português até à data revelou. Espiciado pelas opiniões da crítica, que após os quinze quilómetros afirmaram dum modo geral a sua incapacidade para grandes distâncias, o brioso corredor preparou-se com escrupuloso cuidado, pôs em acção uma energia admirável e arancou para o seu glorioso activo mais uma vitória valiosa.

Manuel Dias ganhou, e ganhou bem; mas mantemos a opinião de há um mês, considerando o esforço excessivo para as suas características. Há vitórias que se pagam, depois, bem caro.

O directo adversário do vencedor foi Adelino Tavares, o corredor português mais dotado para corridas de grande fundo; acusou nítida melhoria de forma e fazemos dele o favorito para a prova de 5 de Abril. Preparado desde o principio da época com determinado objectivo, não soube impôr-se os sacrificios necessários e por isso as classificações



Um aspecto pouco vulgar do trampolim de saltos de Garmisch

anteriormente obtidas não correspondem às suas possibilidades.

O heroi da primeira corrida, o "júnior" Jaime Mendes, não pôde confirmar a vitória, apesar da prova valerosa que prestou; sucedeu aquilo que prevíamos,

Os ciclistas franceses Richard e Daven acabam de bater o recorde do mundo da hora em «standem», percorrendo 48, km. 658, na pista de Arnhem



e a extensão do percurso bateu a energia do joven pedestrianista, a quem falta arco-boião para provas desta natureza.

António Fonseca, o outro "melhor" dos 15 quilómetros, faliu também; os músculos traíram-no no final do trajecto, em contraturas dolorosas que o impediram de correr.

A chuva, o vento e o frio dificultaram bastante o esforço, já de si rude, dos participantes; às más condições atmosféricas se deve atribuir a elevada percentagem de desistências.

O célebre rigor do amadorismo olímpico, uma vez mais cai em falência. É bem verdade que o ridículo não destroi.

O Comité Organizador Alemão, incluiu no programa dos jogos o torneio de football, que em Los Angeles não fóra disputado. A extraordinária popularidade do jogo da bola, que atrai aos estádios as maiores multidões e, portanto, promove as maiores receitas, torna-o elemento indispensável nas grandes organizações europeias.

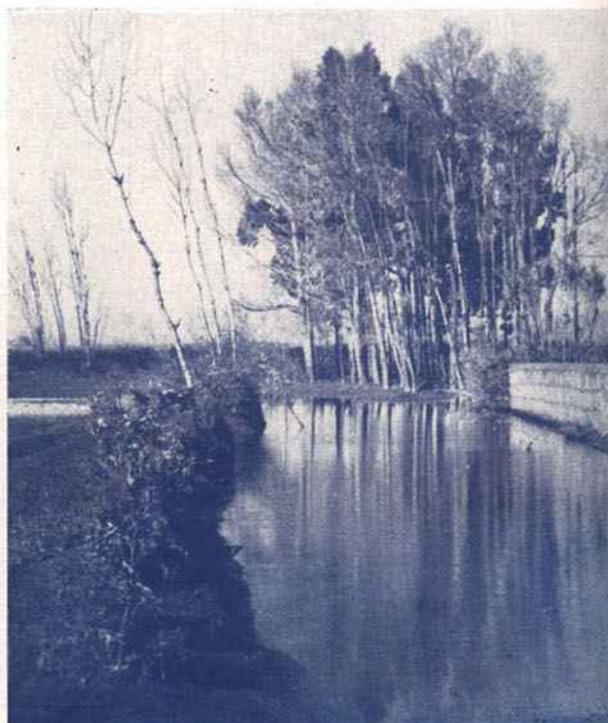
A obrigatoriedade de aceitar apenas a inscrição de grupos constituídos por amadores puros, afastou do torneio de Berlim as nações mais categorizadas e ameaçava comprometer seriamente o êxito da competição.

O critério elástico dos pontífices olímpicos encontrou, porém, meio conciliatório e, segundo cremos, a exigência da declaração de amadorismo olímpico foi substituída pelo simples certificado de "não profissionalismo", dentro da latitude ampla de critério do certificado.

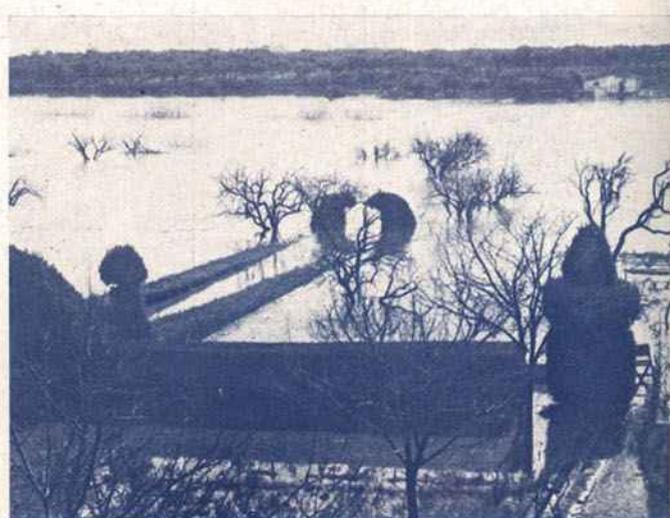
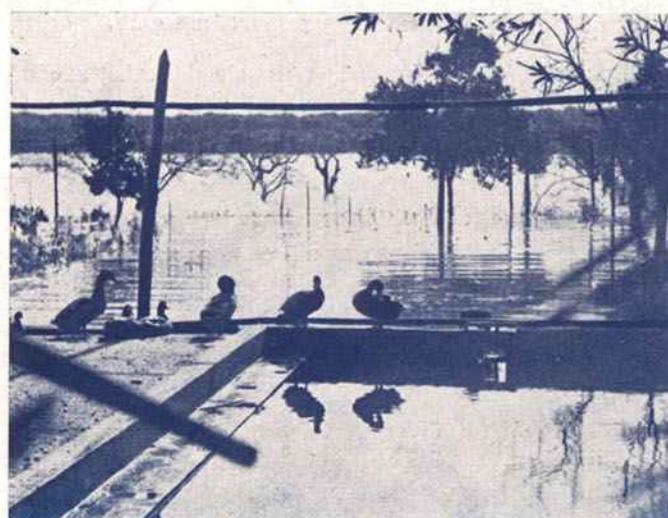
Colocado assim o problema num plano diverso, aventa-se a hipótese de participação do football português, que repeteria a célebre aventura de Amsterdão.

Salazar Carreira.

NOVOS ASPECTOS GRÁFICOS DAS INUNDAÇÕES NO RIBATEJO



São raros entre nós, felizmente, os invernos rigorosos como o que está em vias de terminar. Por todo o país as inundações atingiram proporções invulgares, com os conseqüentes prejuízos. Damos nesta página uma colecção de arlísticas fotografias em que se fixam alguns aspectos das cheias, que por devastadoras não são isentas de beleza como o leitor decerto reconhecerá.



AS FERAS NA ARTE

Em todos os tempos, os animais têm inspirado os artistas. Pode mesmo dizer-se que foram eles o primeiro motivo de criação plástica. Os escultores da Idade do Bronze nos toscos relevos gravados nas paredes das suas cavernas pouco mais fizeram do que reproduzir os animais que conheciam e a quem disputavam, em perigosas lutas, o predomínio sobre a Terra.

No nosso tempo, continua essa a ser uma das especialidades da pintura e da escultura. Especialidade difícil que, no caso das grandes feras, requiere do artista uma alma de caçador e aventureiro. Reproduzimos nesta página um conjunto de trabalhos de animalistas modernos, duma beleza e exactidão notáveis.



Ao ALTO: *Manada de elefantes*, por Arthur Wardle. A ESQUERDA E EM CIMA: *Gorila e leão*, dois vigorosos desenhos de Fritz Behn, professor da Zoologia de Munich e infatigável viajante. EM BAIXO: *Ligres espreitando a presa*, por Arthur Wardle



Festas de caridade

NAS BELAS ARTES

Revestiram sem dúvida alguma extraordinário brilhantismo, as festas de carnaval, de caridade, que este ano se realizaram no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, organizadas as da noite por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e de tarde por uma comissão de gentis senhoras solteiras pertencentes também à nossa melhor sociedade. As primeiras constaram de grandiosos bailes, com ceia á americana, sendo abrilhantados por tres exímias orquestras «jazz-band», e as segundas por festas infantis, em que houve chá dansante e concurso de crianças mascaradas, em que foram disputados artísticos prémios.

Tanto as festas de noite, como as de tarde, foram elegantemente concorridas, oferecendo o vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, aspectos verdadeiramente encantadores, para o que muito concorreu o grande número de famílias da nossa melhor sociedade que ali deram ponto de reunião.

Diplomatas

Em honra do sr. D. Mariano Armendariz del Castillo, encarregado dos negócios do México, em Portugal e de sua esposa, a sr.^a D. Margarida de Armendariz del Castillo, que em breve regressam ao seu país, ofereceram ao sr. D. José Juncal Verdula, ilustre embaixador de Espanha, em Portugal e sua esposa, um jantar, a que foram convivas além dos homenageados, os senhores René Correia-Luna, encarregado dos negócios da Argentina e esposa, D. Carlos Azocar Alvarez, encarregado dos negócios do Chile e esposa, Pons, consul do Uruguai e esposa, o pessoal da embaixada, e os filhos dos ilustres diplomatas.

Terminado o jantar, realizou-se uma animada recepção, de carácter íntimo, que decorreu sempre no meio da maior alegria, tendo além de animada conversação, dançado quasi sem interrupção até perto das três horas da madrugada.

Pela uma hora foi aberto o salão de mesa do palácio da embaixada a Palhavã, onde foi servido uma finíssima ceia.

Os salões da embaixada nessa noite ofereciam um aspecto verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu não só o grande número de meninas e rapazes da nossa primeira sociedade, como também da colónia espanhola em Lisboa e do corpo diplomático.

Os ilustres embaixadores, seus filhos e pessoal da embaixada, foram incansáveis de amabilidade para com os numerosos convidados que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Chá dansante

Por iniciativa de um grupo de senhoras da colónia espanhola, tendo como figura principal a sr.^a marquesa de Santojo, realizou-se na tarde de um do corrente, nos salões do Hotel Florida, um «chá dansante» que foi concorridíssimo, não só por tudo que de melhor conta a colónia espanhola, em Lisboa, como da nossa primeira sociedade.

Ao som de uma exímia orquestra «jazz-band» dansou-se até perto das vinte e uma horas, apenas interrompida por alguns números de dansas características por dois dos mais pequenos discípulos da distincta professora de dansa senhora de Britton's, e pela notável declamadora sr.^a D. Alice Oeiras, que deliciou a selecta assistência, com a recitação de algumas poesias, sendo todos os números do improvisado programa muito aplaudidos.

Festas como a da tarde do dia primeiro do corrente, ficam para sempre gravadas na memória de todos aqueles que a ela assistiram.

Casamentos

Em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Margarida Pinto de Souza Coutinho e Gouveia e do sr. dr. Joaquim José Luís Fernandes Camêlo Gouveia, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Tereza, com o sr. D. Segismundo do Carmo Câmara de Saldanha (Rio Maior), filho da sr.^a D. Mariana da Câmara, já falecida e do sr. D. José Luís de Saldanha (Rio Maior). Fôram madrinhas as sr.^{as} Maria da Penha Pinto de Souza Coutinho (Balsemão), tia materna e D. Ana de Brito Camêlo de Gouveia, tia paterna e padrinhos os srs. Marquês de Rio Maior tio paterno e D. Carlos da Câmara (Ribeira Grande), tio materno.

VIDA ELEGANTE

Presidiu ao acto o coadjutor da freguezia de S. Mamede, reverendo Gomes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de meza da elegante residência, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

Na assistencia a cerimónia viam-se as seguintes pessoas:

Marquês e Marquesa do Lavradio e filhos, Marquês e Marquesa de Rio Maior, Conde e Condessa de Alcôvas e filhos, Conde e Condessa de Seisal, Conde e Condessa de São Tiago, Conde e Condessa de Castelo Mendo (D. Rita e António), Conde e Condessa de Almoester, Conde e Condessa de Vilar Maior, Conde e Condessa de Rio de Maior, Conde da Ribeira Grande, Conde da Azinhaga, D. Carlota da Cunha e Meneses da Câmara, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, João Perestrelo e D. Edite Schaw Perestrelo, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. António de Bragança (Lafões) e D. Ana da Câmara de Bragança, D. José de Castelo Branco (Pombal), D. Maria do Carmo da Câmara de Castelo Branco e filhos, Tomás de Arougeira Pinto Basto e D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Caetano da Câmara (Ribeira Grande) e D. Maria Luísa de Magalhães Coutinho da Câmara, D. Carlos Zarco da Câmara e D. Maria Meniz da Câmara, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Francisca Teles da Silva Pacheco e filha, D. Paulo de Castro Guimarães e D. Maria da Glória da Cunha e Meneses Castro Guimarães, D. Maria Madalena de Castro Pereira e filha, D. Júlio Smith e D. Joana de Albuquerque Smith, D. Maria Augusta de Castro Quevedo e filha, D. Maria Isabel de Albuquerque, Gonçalo Teles da Silva (Tarouca) e D. Maria Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, Francisco de Brito Camêlo, D. Maria Luísa de Brito Camêlo e filhos, Basílio Cacirola da Mata e D. Maria da Glória Soares de Albergaria Cacirola da Mata, João de Castro Pereira e D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, Professor Dr. José Sobral Cid e D. Maria Vitória de Barros Lima Sobral Cid, Henrique Taborda Monteiro e D. Ana da Cunha e Meneses Taborda Monteiro, D. Assunção Perestrelo de Matos, D. Joaquim de Mascarenhas Pinza e D. Maria do Carmo Lobo da Silveira Pinza, D. Luísa Ulrich Pinto Basto, Dr. Gaspar da Cunha Monteiro e D. Inês Coverley Monteiro, D. Constança da Cunha e Meneses (Lumlares), D. Bárbara da Cunha e Meneses Monteiro, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Maria de Lourdes da Cunha e Meneses, Rodrigo e Nuno de Castro Pereira, D. Ana e D. Conceição de Brito Camêlo, D. Maria Teresa Bramão, Luís e Francisco de Sousa Coutinho (Balsemão), D. Heloisa Maria da Costa Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. Maria Eugénia Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Eugénia e D. Maria da Natividade e Perestrelo Guimarães, Sebastião Teles da Silva (Tarouca), Domingos Brifa Roque de Pinho (Alto Mearim), José Perestrelo Guimarães, António Camêlo de Gouveia e filhos, Estêvão Van-Zeller, José Pinto Basto, José Corrêa Henriques (Seisal), Francisco de Lucena, Justino Leça da Veiga, Augusto Cardoso, D. Maria Luísa e D. Maria Filomena Monteiro de Andrade e Sousa, Dr. Mário Beirão, Manuel de Andrade e Sousa, D. Benedito Ruzeroni, D. Joana, D. Fernanda e D. Stela de Lencastre Laboreiro Pinza, D. Tereza Daun e Lorenna (Pombal), D. Joseite Martin, D. Joanne Esterbet, D. Berta Auerbach, Miss O. Keefe, etc., etc.

— Realizou-se na paróquia de Santa Catarina, o casamento da sr.^a D. Umbelina do Pinho e Santos, distincta professora inscrita nos liceus e no conservatório, gentil filha da sr.^a D. Graçinda do Pinho e Santos, e do sr. Martins dos Santos, com o sr. António Marques da Costa, filho da sr.^a D. Rosa da Conceição Marques da Costa, já falecida, e do sr. Raul Marques da Costa, funcionário ultramarino.

Fôram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Deolinda Dias Soares dos Reis e D. Efigénia Ferreira, prima do noivo, e padrinhos os srs. João Reis, distincto pintor, e dr. Abailard Augusto da Costa, primo do noivo.

Presidiu ao acto o professor do Conservatório Nacional de Música reverendo Tomás Borba, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia religiosa o soprano ligeiro sr.^a D. Natália Correia Pereira, cantou com acompanhamento de órgão e violino respectivamente feitos pela distincta professora sr.^a D. Emília Oliveira e Silva e pelo sr. João

Augusto Nogueira, vários trechos de música sacra.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Em Óbidos, realizou-se na igreja matriz, o casamento da sr.^a D. Josefa Nunes Martins, interessante filha da sr.^a D. Mariana Nunes Martins, e do sr. Bernardo Martins, com o sr. Frederico Ceia Gomes, filho da sr.^a D. Ester Ceia Antunes e do sr. Hilário Gomes, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria da Conceição Nunes Martins de Moraes e Luis Ceia, tendo presidido ao acto o reverendo monsenhor Cânico, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Tereza Helena de Noronha Peres Trancoso gentil filha da sr. D. Filomena de Noronha Paulina Peres Trancoso e do comandante sr. Francisco Peres Trancoso, com o sr. Vitor do Nascimento Vaz, servindo de padrinhos os pais dos noivos, a avó e o irmão da noiva respectivamente a sr.^a condessa de Maém (D. Maria Helena), e o sr. Rui Alvaro de Noronha Peres Trancoso.

Serviram de «damas de honor» as primas da noiva sr.^{as} D. Maria Eugénia de Noronha Lencastre da Veiga, D. Maria Helena e D. Maria Amélia Garjinho de Noronha (Maém).

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche.

— Realizou-se na paróquia de S. Mamede, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Coelho de Campos, interessante filha da sr.^a D. Maria de Jesus Figueiredo Coelho de Campos e do sr. Luiz Coelho de Campos, com o sr. Manuel de Sousa Teixeira de Sampaio, distincto engenheiro, filho da sr.^a D. Maria Adelaide de Sousa Teixeira de Sampaio e do sr. Manuel Teixeira de Sampaio.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria José Figueiredo de Campos, tia da noiva e D. Maria da Glória Lino da Silva Horto Osório, e padrinhos os srs. Conselheiro Fernando de Sousa, e Francisco Quintela de Sampaio, respectivamente avó e tio do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Ao acto presidiu o reverendo prior de Santa Isabel, monsenhor Porfirio Cordeiro que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Na elegante residência da sr.^a D. Louise Vigourou Pablo e do sr. José Rodrigues Pablo, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Suzana, com o sr. dr. José António Nunes Brak-Lamy, filho da sr.^a D. Edelúcia Neves Brak-Lamy e do sr. José Padesca Brak-Lamy, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Maria de Sales Brak-Lamy e D. Augusta Lage Pablo e de padrinhos os srs. Manuel de Sales Brak-Lamy e João Pablo Júnior, presidindo ao acto o reverendo prior dos Anjos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidos grande número de artísticas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia de S. Jorge, em Arroios, presidindo o reverendo prior da freguezia cônego dr. Martins Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Sara Franco Gomes Neto, interessante filha da sr.^a D. Virginia Franco Neto e do sr. José Gomes Neto, com o sr. Juvenal da Luz Correia, filho da sr.^a D. Maria da Luz Correia e do sr. António Maria Correia, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Carolina Franco e D. Alda Falcão e de padrinhos os srs. José Henriques e João da Silva Luz.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da madrinha da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidos grande número de prendas, para o Estoril.

D. Nuno.

A CULTURA FÍSICA NA VIDA DA MULHER MODERNA

francesa, em tôdas as épocas, só tarde renuncia à elegância e à beleza, e os corpos femininos não tendo a sujeição do espartilho, rãpidamente se deformavam e engrossavam o que representava para a mulher um verdadeiro desastre. O espartilho foi sempre sofrendo modificações, mas tendo sempre um papel muito importante na elegância da mulher.

Com as várias evoluções da Moda, o espartilho foi-se modificando e ficou-nos a cinta, mas a mulher moderna não quer dever a sua elegância apenas à cinta e a sua maior ou menor pressão e por esse motivo começou a fazer desportos e a ter o maior cuidado com o regímen alimentar.

Mas isto não é o bastante e os higienistas começaram a preconizar, como coeficiente

máximo da elegância feminina e da manutenção da linha, a cultura física.

A gymnástica é hoje a verdadeira modeladora da mulher moderna, da Venus do século vinte. Começou a fazer-se a vida ao ar livre, os desportos unidos à gymnástica têm desenvolvido na mulher o gôsto pelo exercício, o que lhe permite manter até tarde a esbelta linha duma mulher de trinta anos. A flexibilidade e a agilidade não são hoje apanágios da rapariga de vinte anos. Vemos aos cinqüenta anos mulheres que se mantem numa perfeita linha de elegância e fazem sem o menor esforço quilómetros a pé, jogando o «golf» e dançam uma noite inteira sem demonstrarem o mais leve cansaço.

A cultura física tem a maior influência nesta maneira de ser e nada há para manter a saúde num perfeito equilíbrio como a gymnástica que se faz de manhã ao ar livre ou diante duma janela aberta.

Antigamente nenhuma senhora se sujeitaria às posições de gymnástica e ao quási tormento que ela representa para as principiantes e eu compreenda-as bem, porque entre nós não havia até há bem pouco tempo ensino de gymnástica infantil, de forma que para corpos sem preparação o primeiro mês é muito incomodo.

A primeira coisa a recomendar às senhoras que no desejo de serem elegantes e de se conservarem novas se queiram dedicar à cultura física, é que o não façam sem a direcção dum bom professor de cultura física. Nada mais prejudicial do que a

gymnástica feita ao acaso, apenas vendo gravuras dum livro.

Depois de ter feito a gymnástica debaixo da direcção de quem a sabe ensinar, pode fazer-se só, mas de vez em quando deve recorrer-se de novo ao professor, para que se possa rectificar qualquer falsa posição, que possa prejudicar o harmonioso desenvolvimento de todos os musculos.

Entre nós já há senhoras habilitadas ao ensino da gymnástica o que é muito mais cómodo e agradável para aquelas que têm negação a fazê-la com um professor.

No estrangeiro a mulher está dedicando a razão importância à cultura física e as artistas não a dispensam para a manter a sua linha de juventude e sedução.

Elvira Kopesco, a artista bem parisiense, ainda que nascida na Romenia, dedica uma hora todas as manhãs à cultura física e diz ela que a gymnástica deve a perfeição das suas linhas e a esplendida saúde que goza, e, lhe permite os trabalhos cénicos sem a menor sombra de fadiga.

Uma hora a pé todas as tardes nas aleas tão belas do Bois de Boulogne completam os seus cuidados e a sua cura para manter em perfeito equilíbrio os seus nervos de artista e a sua graça de mulher.

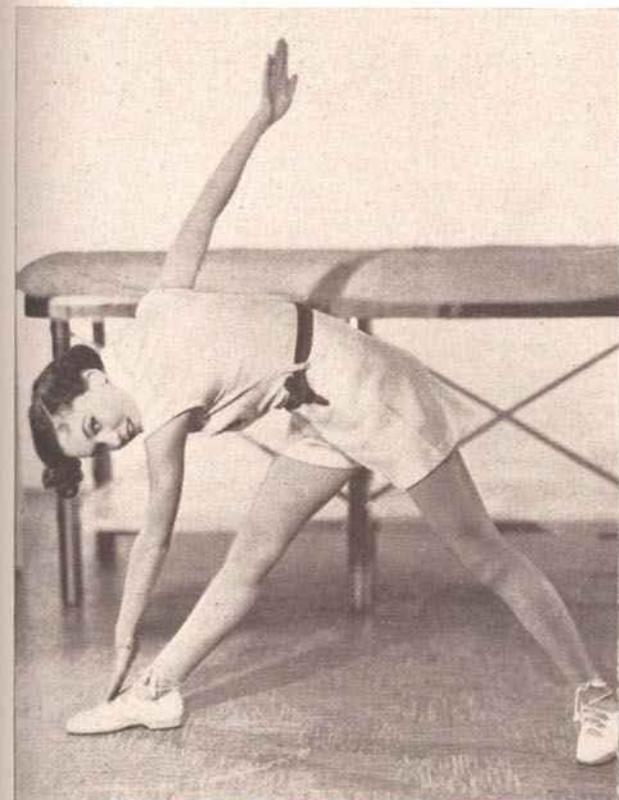
A saúde é uma das melhores armas neste mundo e como na Grécia antiga a cultura física tem uma importância enorme na vida da humanidade moderna.

Não quero com isto dizer, que será sempre a cultura física recomendada pelos médicos, e, que não aconteça de aqui a alguns annos, o que aconteceu à civilização grega, e, que o que todos nós achamos hoje de melhor não seja posto de parte.

Na vida da mulher tudo é uma questão de moda, mas como esta segundo os entendidos é util à saúde não quiz deixar de falar nela às minhas leitoras, ainda que, com a certeza que de aqui a algum tempo terei de falar muito mal dela e aconselhar qualquer outra coisa.

Mas a vida é assim e quem sabe até, se não é esse o seu maior encanto.

Maria de Eça





Estas brincadeiras denotam um estado de seofaria, que eu creio que nem os holandeses são capazes de atingir.

Mas não é só no carnaval que o telefone é utilizado para incomodar o próximo. Durante todo o ano se vê a tendência para a partida e claro está que essa partida trata-se sempre, que seja o mais conveniente possível. Há um casal em que se sabe que a senhora é um pouco cuarenta, toca a telefonar, participando-lhe que o marido está junto duma rival.

Quando elle chega a casa já temos uma cena terrível, e perturbada a paz do lar, esse santuario, que todas deviam respeitar, mas que a falta de educação faz tornar olo dos seus tristes gracejos, que denotam a maior crueldade de alma, porque ferir a felicidade alheia é tão criminoso como dar uma facada pelas costas.

Há ainda muita gente que tem deixado de ter telefone para evitar graças a que o seu lar fica sujeito, estando pôde dizer-se aberto a todos os mal intencionados. E outros há que o não querem ter privando-se dos benefícios da civilização, que só podem ser usados e com proveito, em países civilizados e onde o respeito próprio e o próximo não é um mito.

Mas se aos que agora fazem essas brincadeiras só a lei pôde educar applicando-lhes as suas sanções, evitemos que isto assim continue e eduque-se o povo, para que possa figurar entre os civilizados e as mães cumpram o seu dever educando seus filhos, formando almas e caracteres que honrem a sua Pátria e de quem nunca se possa dizer o que o Carnaval deste ano nos autorisa a dizer dos nossos contemporâneos.

A esperança está nas gerações novas que nelas encontramos e a educação e respeito pelo bem-estar alheio e tudo o que torna o cidadão perfeito.

A moda

María de Eça.

COM a modificação que a moda tem sofrido ultimamente, começa a notar-se na mulher, a tendência para vestir segundo a idade, posição e estado.

A seguir à guerra a moda atravessou alguns anos de dura provação para as senhoras que não estavam na primeira mocidade. Não havia vestidos senão para bebês, e o vestido «chemise» que tornava interessante a rapariga de 18 anos, desfavorecia par completo a scachora de quarenta.

Foi a época em que difficil era discernir pelas costas a neta da avó, foi a época que Paul Bourget e chorado escritor, classificou «daquella em que as jóvens de sessenta anos sabiam tirar melhor partido».

Mas hoje já não é assim e é mais sensato, porque a mulher parece tanto mais nova quanto mais à sua idade se veste.

Nos vestidos de noite, nota-se actualmente muito a diferença e só temos que nos felicitar por isso.

Damos hoje um lindíssimo modelo para as raparigas muito novas, mas que pode também ser usado pelas jóvens casadas, sem que por isso fiquem ridiculas pois é um vestido que a todas convém.

Em «moiré» rosa muito pálido, é da maior simplicidade, ainda que no seu corte haja qualquer coisa do século xvii. O corpo muito simples é guarnecido com um «fichu» pregueado no mesmo tecido que é rematado à frente com uma rosa em veludo preto.

Sapatos na mesma «moiré» um colar de pérolas rosa e uma pulseira de pérolas com fecho em diamantes, completam este conjunto.

Verdadeiramente encantador para um primeiro baile é este vestidinho em «organdi» de seda, azul muito pálido, que só pôde fazer sobressair a graça duma rapariga na flor da juventude.

PÁGINA SFEMININAS

Em folhos desde a borda da saia aos ombros, vão estes folhos estreitando para cima o que lhe dá o mais gracioso aspecto. Um cinto que forma laço atrás em «lamé» de prata completa o. Assenta o organdi num «dessous» em «taffetas» da mesma cor. Os sapatos em polica prateada.

O vestido ao lado que pode também uma juventude em flor é em tule côr de canário com três barras de «lamé», de ouro na saia. O decote é também guarnecido de folhinhos. O cinto é em «taffetas» e remata com uma rosa amarela. Nada de mais simples e fresco se pôde desejar para uma graciosa rapariguinha.

Para um chá, para um almoço em casa duma amiga íntima temos um lindo e elegantissimo vestido em «crêpe» de lá, preto. Dum corte muito simples, tem como guarnição um leve e dedicadissimo bordado em ouro velho que guarnece também as mangas, que têm um corte modernissimo.

O chapéu em «taffetas» é um desses graciosos modelos de primavera, que tão em favor estão. Guarnecido um fino e ligeiro véu. Para a noite é enorme a variedade dos abafos.



Éro. A obesidade é anti-estética e deve ser tratada. A obesidade é uma doença que é, mas o excesso de magresa também é doentio. As pessoas normais, com o peso correspondente à sua altura e idade não devem fazer dietas, que as podem prejudicar.

O que podem e devem é fazer todos os dias exercício, para não engordar e manter a sua saúde, segundo as regras da hygiene.

E não há melhor exercício do que andar. Tendo a coragem de andar uma hora por dia, consegue-se muito facilmente manter a linha de elegancia e sem o mais leve prejuizo para a saúde, antes pelo contrario com grandes vantagens. Não pode haver nada de melhor e fica assim ligada a beleza à hygiene.

A linha da mulher não pode nem deve ser a linha vertical.

A influência das côres

Há quem diga que a preferência da mulher por uma ou outra cor, é o reflexo dos seus sentimentos, e a manifestação do seu carácter. Assim pôde descobrir-se pelas côres que usam quais os sentimentos das senhoras que encontramos na rua.

O branco indica o desprezo da materialidade, o extase na felicidade, na paz e na luz divina. O amarelo não está longe desta espiritalização, mas confunde-se já com uma necessidade de alegrias humanas.

O vermelho revela o coração na sua sinceridade duma paixão, e é assim o grito do amor, do prazer, da rebelião ou da paixão terrível e avassaladora do dinheiro, a adoração do bezerro de ouro.

O azul celeste, sinal de sossego, de reflexão, de serenidade de alma, e, como exprime também a fidelidade, é a cor que o homem deve preferir vir na mulher, porque é uma garantia para o seu descanso e felicidade. Além disso são as mulheres belas o usam, mas se é usado por uma velha, quer dizer que pode ser perdido a flor da beleza mas que conserva a energia moral.

Um conselho: o vermelho deve ser usado com o azul celeste, mas não com o azul vivo, porque indicaria uma dor latente, e também não com o vermelho ardente, revelador dum soberbo orgulho.

Depois destas côres fundamentais vem o lilaz que fala de rinfões passados e anuncia resignação.

A mulher que usa o amarelo e o verde é falsa e invejosa, a de cinzento é combatida pela incerteza, e a de preto é uma senhora irrepresentável, e se alguma vez forem tentados a pensar que não, enganaram-se.

Quando a mulher que alusa da cor de rosa e que anda sempre desta cor, não tem carácter definido, ou é uma grande «coquette».

As que usam todas as côres e que não têm uma preferência definida por uma só cor, podem possuir tantas virtudes como vestidos e alguns defeitos também visto as côres também os indicarem.

A mulher e a floricultura

Não pode haver para a mulher uma melhor occupação do que a floricultura. É duma poesia infinita o que sempre agrada ao espirito intelligente da mulher e que ao mesmo tempo pode dar bastantes lucros.

Na Bolgaria e na Turquia há povoações inteiras que vivem do cultivo das rosas, que são aproveitadas, para fazer os perfumes orientais tão conhecidos e afamados.

Em Grasse, na provincia dos Alpes Maritimos também se dedicam à cultura das flores com reaneração vantajosa.

E não ha país, que melhor se preste do que o nosso, para essa cultura. Nós que temos rosas todo o anno e todo ano flores, melhor do que ninguem nos podemos dedicar à floricultura, para vender flores, para fabricar perfumes, para tudo da floricultura.

E aqui fica às nossas leitoras a sugestão para se dedicarem a esta industria as que para isso tinham terreno, e, que entre nós haja campos de

rosas como na Turquia e na Hungria e campos de cravos como em Bardichera esse paraizo italiano à beira do Mediterraneo.

Receitas de cozinha

Amêijoas à «Saint Cats». 1.º Cortam-se em dados de 3 mm., 60 gramas de raiz de aipo branco ou verde e estufam-se em manteiga, até sua completa cozedura; junta-se-lhe uma colher de cebola picada.

2.º Raspam-se e lavam-se em diversas águas 2 quilos de amêijoas medianas, deve desconfiar-se e pôr de lado as que pareçam pesadas, porque podem ter fôdo. Deita-se numa caxarola, cebola muita picada, alguns ramos de salsa, um pouco de toucinho e louro e meio copo de vinho branco.

Cobrem-se de água e fazem-se abrir as amêijoas sobre bom lume, mexendo-as de vez em quando. Em seguida tiram-se das conchas e colocam-se num prato com cavco, coberto com uma tampa. Toma-se decilíto e meio da água de as abrir, côa-se por um pano. Depois reduz-se esta água a colheiras, fervem-se e mistura-se esta redução com 2 decilíto e meio de molho de «Mayonnaise» e junta-se o aipo. Cobrem-se as amêijoas com o molho e deita-se-lhe por cima uma porção de salsa finamente picada.

De mulher para mulher

Lúzia: Nunca pôde incomodar quem tão gentil é. Sobre o mobiliario da sua futura casa depende do seu gosto, do seu noivo e da casa para onde forem habitar. Se é uma casa antiga está bem esse gosto pelo antigo, mas se vão viver numa casa moderna duas pessoas novas, porque não hão de escolher moveis modernos? E hão-os bem bonitos.

Forget me not: Acho essa ideia demasiadamente romantica, nem parece duma rapariga desta época. As coisas sérias tratam-se com seriedade, mantenha-se numa reserva discreta, e essa sempre a attitude que deve tomar uma rapariga séria e honesta. Acho cedo para comprar chapéu espere um pouco mais.

Alice: Se pode educar a sua filha em casa e



dar-lhe a instrução que hoje é necessária às raparigas, não a interne. Creia que não ha melhor companhia do que a da mãe, e a das filhas é também muitas vezes muito útil às mães. Occupando-se da sua filha esquecerá essas deslizes, que são as de todas as mães.

Valéria: Na Serra da Estrela pôde fazer o eski como o tem feito na Suíça e nos Pirineus; é uma questão de se deslocar e instalar uns dias nas pensões, que já ali ha. Nunca devemos viver a lamentar o que já passou e devemos organizar a vida dentro do que actualmente temos e saber viver com alegria.

Apenas um gesto

Estamos fazendo um simples gesto a roupa lavada. Foi dado a público um novo invento: a máquina de lavar roupa, pela electricidade, que se põe em movimento com um simples gesto da mão. Parece que isto nos transporta ao reino do mysterio, porque nos contos de fadas, esta faz sempre prodigios com um simples movimento da mão.

Mas no caso da nova máquina tudo se explica. O inventor fabricou um aparelho que combina os princípios da célula foto-eléctrica e do tubo de ródio.

Agitando a mão ella projecta uma sombra de modo que a célula sensível à luz, estimula uma chuva de electricidade do tubo e fecha um circuito, que acciona os motores da máquina. É fácil prever que qualquer dia que não vem longe seremos todas fadas e que agitando levemente os dedos fecharemos as portas ao longe, acenderemos o lume pelo mesmo sistema e substituiremos a lavadeira fazendo tudo com mais economia e comodidade.

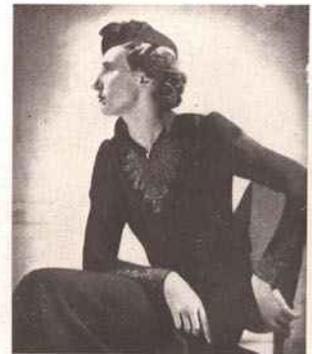
O que resta saber é o preço da máquina.

Pensamentos

Ots anos passam a galope, nunca a passo medido, e os belos destinos deviam caminhar de moradamento.

O tempo foge e nunca o poderemos fazer voltar atrás.

Para viver feliz é necessário aceitar a vida tal ella é, amoldar-se-lhe e não querer amoldá-la.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 45

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

OLEGNA

N.º 22

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 5, Micles de Tricles; n.º 7, Veiga; n.º 14, Efonsa.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifreadores da totalidade — 22 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 20. — Salustiano, 19. — Rei-Luso, 19. — Só-Na-Fer, 19. — Só Lemos, 19. — Sonhador, 16. — João Tavares Pereira, 16. — Lamas & Silva, 15. — Salustiano, 15.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 9

DECIFRAÇÕES

1 — Torna-nada-tornada. 2 — Amo-morar-amorar. 3 — Doei-eira-doeira. 4 — Breviário. 5 — Cavaleiroso. 6 — Lardo. 7 — Arte. 8 — Previço-preço. 9 — Nanico-naco. 10 — Sonata-sota. 11 — Raleira-rara. 12 — Bisca. 13 — Pega-fogo. 14 — Permutado. 15 — Mandarete. 16 — Pontoso. 17 — Calino. 18 — Cantarina. 19 — Pequena-pena. 20 — Fábula-fala. 21 — Gosmento-gôsto. 22 — Frio de Abril nas pedras vá ferir.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Eu nado sem me fatigar nem importunar. (2-2) 3.

Lisboa

D. Chica

2) A cega-rega é, por culpa, impenitente. (2-2) 3.

Lisboa

Dr. Fininho.

3) Numa adega subterrânea, junto de um valado, descobriu-se outro dia um banco de tanceiro. 2-2 (3).

Luanda

Ti-Beado

NOVISSIMAS

4) Você emprega essa posição na dança do minueto? 2-1.

Lisboa

Caçador

5) Sômente a coragem caracteriza o simples. 1-2.

Lisboa

Chim Pan Zê

6) As belezas da nossa terra até me fazem confusão! 2-1.

Lisboa

Sodargil

7) A' beira da minha casa deram-se ontem dois bailes, mas quando lá cheguei só havia sobejos da comida da festança. 2-2.

8) Homem feio com dinheiro é o que convém para um duelo. 2-3.

Lisboa

Veiga

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 54

(Agradecendo ao exímio charadista Braz Cadunha)

9) Quando a mim se dirige uma «mulher» fico logo sabendo que temos embrulhada. 1-2.

Luanda

Ti-Beado

SINCOPADAS

(Aos confrades lisboetas)

10) No bairro (1) da mouraria há sempre animação. 3-2.

Lisboa

Caçador

11) O lucro inesperado provém às vezes duma balda. 3-2.

Lisboa

Kossor

12) Numa patuscada do campo come-se boa carne. 3-2.

Lisboa

13) Tem sido muito comentado o destino do homem. 3-2.

Lisboa

14) De um homem grosseiro se pode fazer um caridoso. 3-2.

Lisboa

15) Um polícia matou hoje uma gibóia. 3-2.

Luanda

Ti-Beado

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

16) ... Se tem nove lá no meio Onde vive alegremente, Essas moças, sem receio, Comem «peixe», certamente...

Tórres Vedras

Alfa e Ómega

MEFISTOFÉLICAS

17) O meu balão vai subir... Mesmo agora o vou soltar... Já vai no ar, a fugir... Tive pena de o largar... (2-2) 3

Lisboa

D. Aurora

(1) de Lisboa.

TRABALHOS DESENHADOS

27) ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Veiga

18) Na murraça mete dente, Sendo «sachada» de maneira Que até causa dó à gente Com tamanha bebedeira (2-2) 3

Lisboa

Papo-Sêco

19) Rasgue-me o peito, morena, Pois me tortura o ardo, Que me queima e dilacera, Dêste tão profundo amor. (2-2) 3

Lisboa

To-My

NOVISSIMAS

20) Logo que pensei em ti — 1 — Santo nome o teu, Maria! — Ninguém no Mundo mais vi. Eras tu minha alegria!

Depois de muito penar, Uma palavra me deste — 2 — Que jámais hei de olvidar Pelo mal que me fizeste.

Há de o teu nome, Maria, Que tanto quis fosse amado, Por Deus ser em profecia P'ra sempre amaldiçoado.

Lisboa

Kossor

21) O desmaio que me deu — 2 Quando fui ao Coliseu Não me sai do pensamento, Pois aquilo era «um» portento! — 1 O artista, lá no alto, De repente deu um salto Tão grande e fenomenal Que o espanto foi geral. Estatelou-se no chão. Deu-me um baque o coração! Trabalho prodigioso E artista bem famoso. Não estava preparado, Logo caí desmaiado!

Lisboa

Rês Kassa

SINCOPADAS

22) Viver, assim como eu venho vivendo, Uma vida sem vida, — insensitiva! E' porque a alma vai — pobre cativa! — No presídio da dor desfalecendo...

E' porque o sentimento vai morrendo Por outro sentimento: a mágoa viva Por qualquer coisa, enfim, que ainda priva No coração de quem vem perecendo!

E' este o viver meu — triste viver!... Sofrendo o que não posso já sofrer E' esta vida sem vida — insensitiva!

Mas tenho o pensamento anicidica Que breve aceda em me tirar a vida Alguma alma sã, caritativa! 3-2

Silva Pôrto-Bié

Efonsa

23) Neste meu atro viver, Desprovido de ambição, Em que todo o sonho é «vã», Eu só aspiro a morrer. 3-2

Coimbra

José Tavares

24) «Guarda» bem das tentações Esses teus lábios, perfume Que embriaga corações E nos queima como lume. — 3-2.

Lisboa

Lord X

25) Prisioneiro de amor, Que de amor eu ando louco, Lanço, triste, o meu clamor, E de clamar já estou rouco. 3-2

Lisboa

Miss Diabo

26) O valor do meu trabalho, Sem outra comparação, Não está naquilo que espalho, Mas na sua perfeição. 3-2.

Leiria

Pobre Marreco

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa.

Nos dias tristes, quisilentos, em que uma chuva miudinha e impertinente cai sem descanso, encharcando as calçadas, fecho-me no meu escritório, alheada de tudo, esquecendo o mundo exterior, e para distrair o espírito dou volta à minha estante, arrumando as prateleiras.

No alinhamento dos volumes, há sempre um nome que me chama a atenção e, muitas vezes me entenece, pela recordação dos momentos de beleza que a sua obra me ofereceu, e vem-me a vontade de fazer uma paragem na minha tarefa, folheando mais uma vez as suas páginas.

Hoje chamaram os meus olhos êstes versos de F. Gomes de Amorim — poeta muito da minha admiração:

*Eu sinto, olhando o azul da imensidade,
Docemente cair no peito aflito
O bálsamo suave da saúde,
Talvez lembrança vaga do infinito!...*

*Sonho outra pátria na celeste esfera,
Sem ódios, sem invejas dêste inferno;
Onde é perpétua e bela a primavera,
Que nutrirá meu ser de amor eterno.*

*Feliz, se em breve, livre da matéria,
Minha alma percorrer o espaço infindo!
Pois me parece na região sidéria
Que avisto Deus, sinto-me ir subindo.*

E por afinidades de aspirações, pela mesma ansia de evasão dêste mundo torpe de hipocrisia, lembrei-me logo de Florbela Espanca e tocou a vez a essa linda alma de mulher de encantar-me com a delícia dos seus versos.

Nunca vi em pessoa a poetisa da *Charneca em flor*, mas o que sabia da sua vida interior, bastava-me para julgá-la muito minha conhecida, muito chegada a mim, pela sua dor e pela sua gula insaciada e martirizante de sensações novas, sempre acompanhadas de novas desilusões.

Tinha por ela um carinho, uma ternura que eu não sei explicar ainda hoje, como não posso explicar porque os olhos se me arrazam de lágrimas, quando me lembra de certas pessoas que morreram e que não me eram nada, mas que se salientaram na vulgaridade de qualquer meio pelo seu talento ou pela sua bondade.

E daí talvez eu minta a mim própria, quando digo não achar a causa de tão profunda comoção.

Devem ter a sua origem na impressão indelével que em mim produzem as ma-

nifestações de um grande e generoso espírito, servido por uma inteligência superior.

Tenho tanta pena, quando sei que alguém se vai desta vida, incompreen-

EVOCAÇÕES POÉTICAS

Ao virar da fôlha

dido, tenho tanta pena de ver mal julgados espíritos que merecem respeito e admiração, como se visse um cisne man-



Florbela Espanca

char a neve das suas plumas na água suja dum pântano.

Que máguia me faz que tôdas as almas não possam compreender-se e amar-se, sem mesquinhas invejas, sem assomos de maldade a tentar pôr entraves aos anseios de alguém mais sonhador, mais desejoso de chegar a mais altos destinos sem a intenção de humilhar os que ficam para trás, e cuja glória reverteria a favor de toda a colectividade.

E dizer que esta negrura de sentimentos não escolhe apenas inteligências insignificantes, que assim seriam desculpáveis por dar-lhe abrigo, ainda é mais doloroso de meditar.

Mas é assim mesmo. Há gente de talento até, com glória que farte, e que não tolera que mais ninguém alinhe na mesma fileira; e quando alguém com fôrça de vontade consegue perfilar-se a seu lado, não há partidinha que não lhe façam, a ver se o desgosto leva a criatura a desertar.

Há quem resista contra tal sanha, quem fique de pé, firme como roble gigante açoutado por mil ventos contrários.

Mas essas têmperas de lutador são raras, e mais raras então no pobre sexo fraco, que é geralmente o mais atacado, se procura fugir à sua lendária classificação.

Florbela andava por êste mundo, saltitando como um passarinho medroso.

O seu canto, puro e melodioso como o dum rouxinol, escrito em rimas preciosas na pauta da mais esplendorosa musa, ofuscava os cucos e os pardais de voz monótona e via de expressão que enxameiam nos jardins parnasianos, e as suas picadas feriam-na, faziam-lhe mal à alma.

Cada vez que desprendia um canto, os espíritos de eleição rejubilavam, mas os asnos zurravam contrariados.

A sua ansia de perfeição sonhava com um outro mundo melhor.

Ela não se achava aqui à vontade. Sentia que qualquer pressão lhe manietava os voos. E tanto puxaram por elas, que as suas asas cansadas se quebraram... Vejam como ela canta o seu país sonhado:

*Nesse país de lenda, que me encanta,
Ficaram meus brocados, que despi,
E as joias que p'las aias reparti.
Como outras rosas de Rainha Santa.*

*Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!...
Foi por lá que as semei e que as perdi...
Mostrem-me êsse País onde eu nasci!
Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!*

*Ó meu País de sonho e de ansiedade,
Não sei se esta quimera, que me assombra,
É feita de mentira ou de verdade!*

*Quero voltar! Não sei por onde vim...
Ah! não ser mais que a sombra duma sombra,
Por entre tanta sombra igual a mim!...*

E é hoje uma sombra apenas, a desditosa, a grande poetisa.

Uma sombra que ainda faz sombra a tanto talento balofo a tantas rimas fúteis e ãuteis que se infiltram nas carreiras dos grandes valores literários da nossa terra.

Uma sombra circundada de luz, uma sombra que se pressente, que se adivinha sempre junto de nós, a segredar-nos a miséria desta vida que a sua pobre alma desiludida não podia suportar, e que afinal encontrou o seu caminho...

Mercedes Blasco.



D. Carlota Joaquina

A rainha D. Carlota Joaquina, cuja memória está sendo execrada há uma boa centena de anos por uma série de circunstâncias fortuitas, ainda não foi julgada com aquela imparcialidade que deve orientar sempre o verdadeiro historiador.

Muito se tem escrito contra a celebrada esposa de D. João VI, sem que se passe das cenas picantes da Quinta do Ramalhão, que, à medida que são repetidas, vão sendo aumentadas, consoante a imaginação do narrador.

O mesmo sucede com Bocage, apenas conhecido do nosso povo por algumas piadas grosseiras e soezes que o suavíssimo poeta dos "Sonetos, nunca poderia ter sonhado. Perguntem pelo lírico encantador dos "Idílios e Canções, ou pelo prodigioso tradutor de Anacreonte e Ovídio, que a maior parte da gente com pretensões a saber ler, não conseguirá des-cortiná-lo!

É triste, mas é assim mesmo. Ora, a meu vêr, a rainha D. Carlota Joaquina está sofrendo um pouco dêsse mal.

Não quero com isto equipará-la em virtudes a uma santa Isabel ou a uma D. Felipa de Lencastre. Acredito mesmo no seu feitiço leviano, herdado da mãe, essa famosa rainha Maria Luíza que o amante Godoy mimoseava, segundo é fama, com bem aplicadas tareias, ante a real indiferença do marido bonacheirão. Mas nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

Que fez D. Carlota Joaquina? Casou com o infante que viria a ser rei de Portugal, e daí a sua desgraça.

Conseqüentemente, deu à luz os filhos Pedro e Miguel que se engalfinharam numa luta feroz, disputando cada um a primazia de ser Caim, por entre os rugidos sanguinários de vencidos e vencedores que a Convenção de Evora-Monte não conseguiu sufocar. Com um pouco da leviandade da rainha, um pouco da indolência tradicional do rei, e um muito da fervura das paixões políticas, a mãe do chefe dos miguelistas surgiu arvorada numa megera tão sórdida que até piólios criava na sua régia cabeça, segundo o depoimento da despeitada mulher de Junot.

Faça-se a história, mas serenamente, sem paixões.



A dança da maliciosa gitana

No dia 17 de Março de 1785, o conde de Loureçal, nosso ministro junto da cõrte espanhola foi encarregado de pedir solemnemente para o infante D. João a mão da infanta D. Carlota Joaquina que dali a uma semana completaria dez anos de idade. No dia 9 de Junho dêsse ano realizou-se o casamento em pessoa, mas não a união conjugal que só se effectuou dali a quatro anos.

Muito inteligente e estudiosa, a infanta espanhola fez todos os seus exames com distincção, rematando-os com bailados à inglesa e minuets, muito em voga nêsse tempo. Mas as danças que mais a entusiasmavam eram as castelhanas castiças que só uma autêntica espanhola, como D. Carlota Joaquina sempre foi, conseguia dançar com perfeição.

Lord Beckford conta que, visitando

PORFIAS DE MANCHEGA

D. Carlota Joaquina e as suas ambições

Os intentos e os planos que nunca se lhe tiraram da alma

Queluz, a mulher de D. João VI o recebere na mata, cruzada sôbre um sofá e rodeada de espanholas sentadas no chão. Refere ainda que a princesa o fez dançar o bolero com algumas dessas damas, e como lhe agradasse o espectáculo, o animava com frequentes aplausos de *muy bien! muy bien!*

Quando não dançava, a princesa cantava trovas castelhanas, tendo preferência por uma que, por acertar com o seu temperamento insatisfeito, entouo até ao fim da vida.

Começava assim:

*En porfias soy manchega,
Y en malicia soy gitana;
Mis intentos y mis planos
No se me quitan del alma!*

Os seus intentos e os seus planos! Pobre D. Carlota Joaquina! Filha primogénita do rei Carlos IV, e muito mais atilada do que os seus irmãos Fernando e Carlos Isidoro, a sucessão do trõno competia-lhe, se não se opuzesse a lei sãlica promulgada por Felipe V que não concordava com soberanas de facto, mesmo que fõessem da envergadura de Isabel, a Católica!

O pai de D. Carlota Joaquina, reconhecendo os méritos desta princesa e a boçalidade comprovada de qualquer dos dois irmãos, decidiu revogar essa lei, o que fez por um decreto assinado em principios de 1788, mas que não foi publicado, visto aguardar-se prudentemente ocasião oportuna para o fazer aparecer. Nessa altura, já D. Carlota Joaquina era esposa do infante D. João de Portugal que ainda não era o herdeiro do trõno, visto existir o seu irmão mais velho príncipe D. José.

É possível que o arguto Florida Blanca, primeiro ministro de Carlos IV, embora partidário dos direitos de successão da princesa, fãreasse a morte do príncipe herdeiro português — facto ocorrido poucos meses após a assinatura do decreto — que tornaria o marido de D. Carlota Joaquina legítimo herdeiro do trõno de Portugal.

Quando se deu a invasão napoleónica e a família real portuguesa se refugiou no Brasil, seria natural que Portugal,

tendo mudado a sua cõrte para o Rio de Janeiro, investisse contra as colónias espanholas na América do Sul, em desforra do apoio da Espanha às ambições do cõrso, elevado a imperador da França.

Nada se fez, no entanto, em face da tradicional indolência de D. João VI que, ao despedir-se de Lisboa, deixara recomendando que recebessem bem os franceses...

D. Carlota Joaquina é que não se amoldava a uma tal situação. Dando largas ao seu espírito irrequieto e ambicioso, decidiu logo tirar partido dessas condições para se elevar até onde o seu desmedido orgulho lhe segredava.

As duas colónias espanholas mais cubiçadas eram Montevideu e Buenos Aires que passariam a constituir um reino poderoso do qual seria, por direito divino, a única e legítima soberana.

Em 21 de Março de 1808 — sempre o mês de Março em todos os grandes actos desta princesa! — D. Carlota Joaquina escreveu ao *cabildo* de Buenos Aires a notificar-lhe que, sendo a única Bourbon que se encontrava liberta das garras do Buonaparte, se julgava no direito e no dever se colocar à frente daquela colónia, principalmente para a defender de qualquer arremetida dos franceses.

A intriga continuou a desenrolar se, consoante os intentos e os planos da audaciosa princesa que a si própria se definia na sua trova favorita:

*En porfias soy manchega
Y en malicia soy gitana...*

Em dado momento, como Montevideu abrisse hostilidades contra Buenos Aires, e vice-versa, D. Carlota Joaquina resol-



O bolero.

veu apoiar a primeira colónia, visto o *cabildo* da segunda não ter aceitado a sua protecção.

Num acto magnânimo, enviou a Montevideu tódas as suas joias para que fossem vendidas, e, com o produto da venda, custeassem as despesas mais urgentes. Apenas reservou para si um pregador de chaile que ostentava o retrato de seu "augusto esposo" D. João VI... Como se vê, nem qualidades diplomáticas faltavam à ambiciosa princesa!

A venda das joias rendeu 54 mil pesos que muito arranjo fizeram aos ingratos montevideus.

Falharam os planos de D. Carlota Joaquina, mas subsistiram sempre os seus intentos. Tivesse ela uma aragem de sorte, e veriam a que ponto atingiria o seu ânimo varonil e vingativo!

Ao vêr-se ludibriada pelo ministro montevideense Casa Irujo, ao qual confiara as suas joias, não perdeu o seu bom humor nem a sua malícia de gitana. Repetia até, a cada passo, com ar zombeteiro, quando lhe falavam no desatrado despecho das suas pretensões de mando sôbre as altivas colónias espanholas que não tardariam a emancipar-se:

"— O Irujo é um vendido ao ouro inglês. Já que tanto gosta de guineus, eu, logo que possa, hei de mandá-lo para a Guiné!"

Todos êstes contratempos não conseguiram domar o temperamento irrequieto dessa princesa que afirmava a sua altivez inquebrantável, e que todos os embustes urdidos à sua volta, "ni amancillarlan su honor, ni abatiran su espíritu."

E assim era. Após as suas pretensões à corõa de Espanha, que seu irmão Fernando VII lhe usurpara, e a sua idea de reinar sôbre Buenos Aires e Montevideu, voltava-se agora para Portugal, cujo rei, a seu vêr, nem sabia ser bom marido nem bom soberano.

Foi ela que acirrou o seu filho Miguel contra o pai, fomentando a terrível luta que havia de ensangientar a terra portuguesa.

Tinha os seus planos, e estava no seu pleníssimo direito. Assim acabou os seus dias, avelhutada, apesar de pouco passar dos 55 anos, transformada num farrapo humano, segundo o testemunho de alguns historiadores. Apresentava-se "mal



D. João VI

vestida, suja, com um gibão de chita e uma fita de musselina na cabeça, e, accorada sôbre uma esteira, passava horas e horas a repetir a trova que tanto lhe agradava:

*En porfias soy manchega,
Y en malicia soy gitana;
Mis intentos y mis planos
No se me quitan del alma.*

E assim morreu, quasi pobre e endividada pelos azares da política e pelo que teve de gastar para colocar no trõno o seu querido filho Miguel como rei absoluto.

Foi êste o único plano que conseguiu vêr realizado. No fim da sua vida de maquinações e porfias, quando lhe apresentaram o testamento que ditara com are de majestade intangível, pegou na pena, e rubricou com as palavras — Imperatriz-Rainha.

E quem nos diz que essa mulher forte, que uns chamaram a "Judith lusitana", e o outros a "Megera de Queluz", se tivesse ficado em Espanha, não teria, graças à prodigiosas faculdades de que era dotada, hombredo com a famosa Isabel, a Católica que todos respeitam?

Palavras cruzadas

(Passatempo)



Horizontais:

1 — Nome da mulher; 5 — Brado; 10 — Altar; 12 — Bagatela; 14 — Marchar; 16 — Caridoso; 18 — Nota musical; 19 — Numeral; 20 — Estrofe; 21 — Cidade africana; 22 — Atmosfera; 24 — Retine; 26 — Estuda; 27 — Claridade; 29 — A favor; 31 — Resto; 32 — Farrapo; 34 — Lamentos; 36 — Catafalco; 38 — Artigo francês; 40 — Advérbio; 42 — Mágua; 43 — Animal coberto de penas; 44 — Ave; 45 — Lista; 46 — Oferta; 48 — Elogio; 50 — Perversa; 51 — Foz de certos rios; 53 — Advérbio; 55 — Metal; 56 — Médico.

Verticais:

2 — Alem; 3 — Cólera; 4 — Apelido; 6 — Instrumento doméstico; 7 — Fruto; 8 — Rio; 9 — Desgastar; 11 — Arbustos; 13 — Operar; 15 — Mostrar alegria; 16 — Poeiras; 17 — Chamada; 18 — Amargo; 23 — Instrumento indispensável nas adegas; 25 — Membro do corpo humano; 27 — Mulher; 28 — Interjeição; 29 — Vencimento; 30 — Capa; 33 — Que vda; 35 — Guia; 37 — Andar à volta; 39 — Mulher; 40 — Néctar; 41 — Astro; 42 — Graça; 47 — Regressar; 49 — Á-vontade; 51 — Condenada; 52 — Vento; 53 — Catedral; 54 — Pedra circular.

O centenário do revólver

Está a fazer cem anos que o coronel do exército americano, Colt, apresentou o seu primeiro

Economias



— É como vês. Agora tenho só uma dactilógrafa para duas máquinas. Precisei fazer economias.
— Também eu precisei. Desfiz-me de duas máquinas e fiquei com as dactilógrafas.

(-Il. Travaço, Roma)

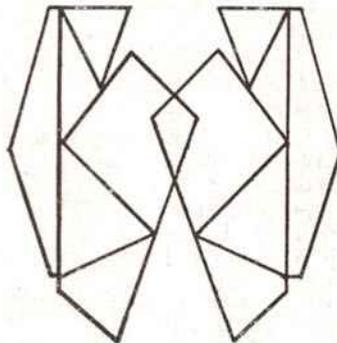


modélo «de aparelho portátil, cómodo e rápido para a defesa pessoal».

De então para cá, êsse aparelho portátil a que se chamou «revólver» tem tido bastante uso. Tem-se mesmo usado e abusado dêle até, e nos Estados Unidos ainda mais que em qualquer outra parte.

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)



Esta figura, mais complicada que as outras ultimamente apresentadas aqui, é também para ser desenhada com um único traço contínuo, sem cruzar as linhas nem passar duas vezes pela mesma linha.

Um correspondente da cidade do Cabo conta para um jornal de Madrid que numa quinta de Dushiveld há um cavalo que tem o mau hábito de comer todos os ovos de galinha que apanha a jeito.

Durante muito tempo o dono andou preocupado com o desaparecimento dos ovos da capoeira, e por isso resolveu pôr se à espreita sem nada conseguir apurar, até que uma manhã foi encontrar o cavalo dentro da galinheira, cuja porta, o inteligente animal tinha aprendido a abrir e a fechar, servindo-se para isso da grande mobilidade dos lábios característica do género.

Bridge

(Problema)

Espadas — — — — —
Copas — R. V. 8.
Ouros — A. 3.
Paus — A. 2.

Espadas — — — — — N Espadas — R. 10.
Copas — 10, 9, 7. O E Copas — D.
Ouros — R. 8. S Ouros — 10, 4.
Paus — D. 10. Paus — R. V.

Espadas — A. D. V.
Copas — — — — —
Ouros — D. 9, 5.
Paus — 3.

Trunfo é espadas. S joga e faz as vases todas

(Solução do número anterior)

S joga seguidamente as três cartas firmes de paus — Rei, Dama e Valete de paus, baldando-se N a Rei, Dama e Valete de ouros.

S joga depois as suas três cartas de ouros, 10, 9 e 8, obrigando O a perder as defezas em copas e espadas ou a firmar o 5 de paus de S, se se baldar ao 10 de paus.

N balda-se três vezes regulando as baldas pelas de O, fazendo N e S tôdas as vases.

Xadrez

(Solução)

| | | |
|-----------|-------------|-----------|
| 1 D 2 B D | 2 B 6 C D + | 3 D 7 B + |
| P 3 T D | R x B | M. |
| | D 3 C | D 3 T + |
| R 5 C | R 4 T | M. |
| | D 6 B D | B 3 B D + |
| P 5 C D | P 6 C D | M. |

Ainda outra solução que também satisfaz:

| | | |
|-------------|-------------|---------------|
| 1 D — 6 B D | 2 B — 3 B D | 3 D — 6 T D + |
| R — 5 T D | R — 6 T D | M. |
| | R — 7 C D | B — 3 B D + |
| P — 5 C D | P — 6 C | M. |
| | B — 3 B D | D — 6 T D + |
| R — 5 C D | R — 5 T | M. |

As mulheres e os sonhos

Quem sonha mais a miudo — durante o sono, bem entendido — os homens ou as mulheres? Tal é o problema psico-fisiológico que se propôs estudar, há anos, um médico vienense, cuja especialidade era esta classe de estudos cerebrais.

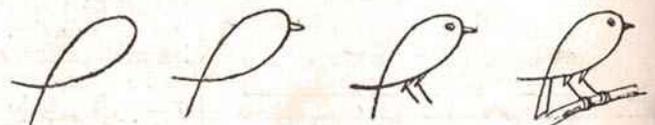
A resposta foi publicada depois de muitas estatísticas, numa revista austríaca. Treze homens por cada 100, e 33 mulheres, também por cada 100 sonham quando dormem.

O número de homens que sonham com frequência é de 27 por 100, e o de mulheres é de 45 por 100.

Em geral, pôde dizer-se que o belo sexo tem dobrada propensão para sonhar, do que tem o sexo forte.

Em cada 100 pessoas, 9 ignoram por completo o que seja sonhar, e 14 por 100 não sonham senão raríssimas vêzes.

Transformação



Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA A 4.^a EDIÇÃO

Donas de tempos idos

pelo CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Áustria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broch. 12\$50

Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOAÀ venda a 5.^a edição dos

Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro ANTÓNIO MENDES BARATA

Edição actualizada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnífica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 vol. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina
Esc. 30\$00Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

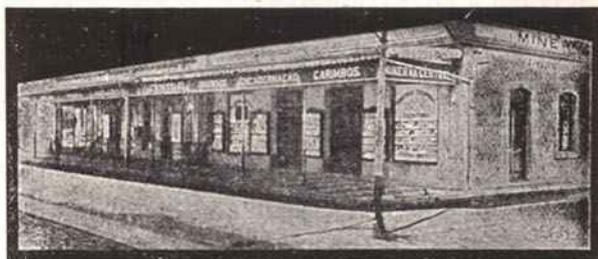
Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICASA mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICASCasa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"
e de outras publicaçõesCompleto sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS

Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Her- culano, um volume — Antero de Figueiredo, um volume. — Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão Lopes, três volumes. — Frel Luís de Sousa, um volume. — Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três volumes. — Trancoso, um volume.

Em preparação: Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura portu- guesa, por Aubrey F. G. Bell (tra- dução), br. **3\$00**

Comentário leve da Grande Guerra:

- I — *Europa em guerra* (esgotado).
- II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. **10\$00**
- III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. **10\$00**
- IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. **10\$00**
- V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. **10\$00**

Ensaaios sobre educação:

- I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. **10\$00**
- II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 pá- ginas, br. **10\$00**
- III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. **10\$00**
- IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. **10\$00**

Homem (O), a ladeira e o calhau — br. **10\$00**

Jardim da Europa. — br. **10\$00**

Ler e tresler. — br. **10\$00**

Lição moral e cívica, dada perante os alu- nos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro ani- versário do assassinio do Presidente Sidónio Pais **3\$00**

O pintor Carlos Reis. — 1 fol. formato grande **4\$00**

Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica. — 64 págs., br. **3\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

- ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado. **5\$00**
- ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado. **12\$00**
- ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado. **12\$00**
- FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado. **12\$00**
- O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch. **12\$00**
- JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado **12\$00**
- TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado. **12\$00**
- VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado **12\$00**
- A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado. **12\$00**
- AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado **10\$00**
- MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado. **12\$00**
- É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado **12\$00**
- ROMANCE DA RAPOSA, 2.ª edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores. **15\$00**
- ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 512 págs., broc. **12\$00**
- QUANDO AO GAVIÃO CAI A PENA, 1 vol. de 272 págs., broch. **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

- CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado **10\$00**
- DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado. **10\$00**
- D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado. **12\$00**
- D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado **14\$00**
- ESPAÑA — Nova edição. no prelo
- JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado. **12\$00**
- LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado **12\$00**
- O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. **3\$00**
- RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado. **12\$00**
- SENHORA DO AMPARO — 250 págs., brochado. **12\$00**
- TOLEDO (Impressões e evocações) — *Índice*: Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones, A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado. **10\$00**
- O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado **12\$00**
- A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.
- MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.
- MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado. **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLEÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e des- pertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e exercício de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAM

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Dívida de honra
- Casa de família
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciência
- Romance duma herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário de uma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.^a ed. Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuiratra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas.*

1 volume de 288 páginas, broch. . . . 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 5.^a edição, de novo revista

10.^o MILHAR

SENHORA DO AMPARO

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa
e da Academia Brasileira de Letras

DOIS PERFIS:

- Um curandeiro de obsessos.
- Um cura de almas.

1 volume de 250 págs. broch. 12\$00
encad. 17\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado 15\$00
Pelo correio, à cobrança 16\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broch., 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

As edições da LIVRARIA BERTRAND, encontram-se à venda na **Minerva Central** — Rua Consiglieri Pedroso Caixa postal 212 **LOURENÇO MARQUES**

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

| | |
|---|--------|
| ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; | |
| br. | 8\$00 |
| — (1.ª edição), 1 vol. br. | 15\$00 |
| ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| AMOR (O) EM PORTUGAL, NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| DUQUE (O) DE LAPOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. | 1\$50 |
| ELAS E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. | 12\$50 |
| POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. | 2\$00 |
| UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. | 1\$50 |

POESIA

| | |
|---|-------|
| NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. | 4\$00 |

TEATRO

| | |
|---|-------|
| AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CASTRO (A) — (2.ª edição), br. | 3\$00 |
| CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. | 1\$50 |
| CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. | 5\$00 |
| ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

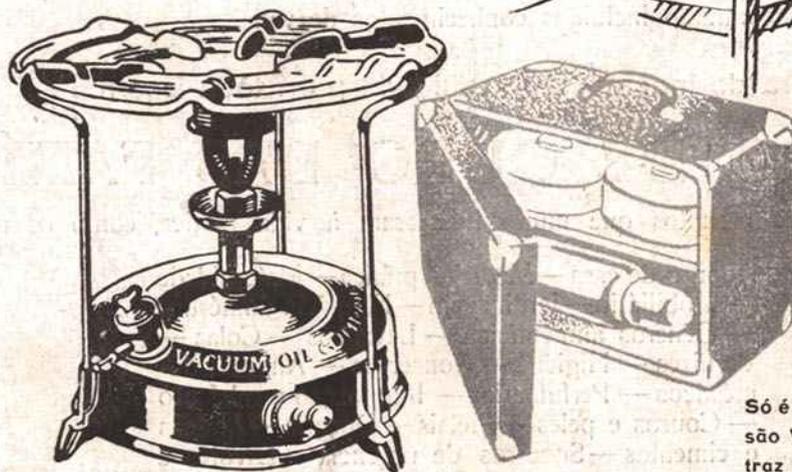
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Não coma
o almoço frio



A comida fria faz mal. Combine com as colegas e adquiram todas um Fogareiro Vacuum em que podem aquecer ou cozinhar o almoço num instante. Dividido por todas é uma bagatela.



Só é Fogareiro de Pressão Vacuum aquele que traz a marca VACUUM.

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER

1515